

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
SOCIAIS

DISSERTAÇÃO

ENTREGADORES: HISTÓRIAS DE VIDA E DE TRABALHO NA
PANDEMIA

POLLYANA FARIA LOPES

SEROPÉDICA/RJ
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
SOCIAIS

**ENTREGADORES: HISTÓRIAS DE VIDA E DE TRABALHO NA
PANDEMIA**

POLLYANA FARIA LOPES

Sob orientação da Profa. Dra.

Marta Regina Cioccarì

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais/UFRRJ como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

SEROPÉDICA, RJ

Fevereiro de 2022

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L531e Lopes, Pollyana Faria, 1991-
Entregadores: Histórias de vida e de trabalho na
pandemia / Pollyana Faria Lopes. - Seropédica, 2022.
78 f.

Orientadora: Marta Regina Cioccarì.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em
Ciências Sociais, 2022.

1. entregadores. 2. motoboy. 3. Seropédica. 4.
trabalho. 5. antropologia. I. Cioccarì, Marta Regina,
1966-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Ciências
Sociais III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

POLLYANA FARIA LOPES

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Ciências Sociais.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 30/03/2022

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da dissertação

Profª. Dra. Marta Regina Cioccarì – PPGCS/UFRRJ (Orientadora)

Prof. Dr. Antônio de Salvo Carriço – Pesquisador independente

Prof. Dr. Luiz Felipe Rocha Benites - PPGCS/UFRRJ



Emitido em 2022

TERMO Nº 614/2022 - PPGCS (12.28.01.00.00.91)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 03/06/2022 11:13)

LUIZ FELIPE ROCHA BENITES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptH/IM (12.28.01.00.00.88)
Matricula: 2107436

(Assinado digitalmente em 02/06/2022 17:17)

MARTA REGINA CIOCCARI
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptCS (12.28.01.00.00.83)
Matricula: 1451306

(Assinado digitalmente em 02/06/2022 16:37)

ANTÔNIO DE SALVO CARRIÇO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 114.287.767-10

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrrj.br/documentos/> informando seu número:
614, ano: **2022**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **02/06/2022** e o código de verificação: **cb70323b49**

DEDICATÓRIA

*A todos os motoboys e entregadores de aplicativo,
em especial Iury, Luiz Gustavo e Rayna, que
gentilmente se dispuseram a participar desta
pesquisa.*

AGRADECIMENTOS

O primeiro agradecimento desta dissertação é para a minha orientadora Marta que ofereceu mais que orientações precisas e revisão atenta e dedicada. Com uma generosidade incansável, ela depositou em mim a confiança necessária para que eu pudesse fazer este trabalho.

Agradeço também à minha família, principalmente minha mãe Rosimar e minha irmã Maria Paula, que são a base de tudo o que sou.

Agradeço à Tigresa e Cristalzinha, que me apresentaram o amor incondicional que só cães são capazes de oferecer, que me levaram às profundezas do amor aos animais e assim me tornaram um pouco mais humana.

Agradeço aos amigos mais chegados, com quem tantas vezes eu sou negligente na amizade, mas que considero família, com quem aprendo as coisas mais importantes e com quem compartilho as pequenas alegrias da vida adulta. Ao Pablo pela parceria de sempre. Luana por ser referência e inspiração. Ana por me ensinar a botar fé na gente. Bárbara por ensinar tanto sobre amizade. Gabriel pelas aulas informais de psicanálise nos almoços no restaurante da Andrea. Larissa pela alegria cotidiana que torna o ambiente de trabalho um espaço muito mais acolhedor.

Agradeço imensamente ao Júlio por cada conversa, por cada referência, cada palavra de incentivo, de afeto e de cuidado. Sua parceria é das coisas que mais me orgulho de carregar.

Por último, eu agradeço ao mistério, ao que não é visível nem explicável, mas que é poderoso e é o que capaz de mover a vida, como diz Gonzaguinha, nos caminhos onde bate bem mais forte o coração.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“Para ser tem que estar sendo.”

Paulo Freire

“Ninguém aqui é empreendedor de porra nenhuma!

Nós é força de trabalho nessa porra.”

Paulo Galo

RESUMO

Esta pesquisa sobre trabalhadores entregadores de *delivery* tem como objetivo mapear aspectos objetivos e subjetivos nas trajetórias de trabalhadores desta categoria. Para isto, investigo as histórias de Iury, Luiz Gustavo e Rayna, entregadores que atuam em Seropédica, no estado do Rio de Janeiro, e começaram na atividade durante a pandemia de coronavírus. Abordo, ainda, a trajetória de Paulo Lima, entregador paulistano conhecido como Galo, que ganhou notoriedade pública por liderar o movimento Entregadores Antifascistas. A abordagem destas trajetórias foi feita adotando procedimentos metodológicos que envolvem as histórias de vida e de narrativas biográficas, a partir de entrevistas realizadas em campo, além da análise de documentos, reportagens e vídeos disponibilizados por sites de imprensa no caso de Paulo Lima, o Galo.

Palavras-chave: entregadores, motoboy, Seropédica, trabalho, antropologia

ABSTRACT

This research on delivery workers aims to map objective and subjective aspects in the trajectories of workers in this category. For this, I investigate the stories of Iury, Luiz Gustavo and Rayna, delivery men who work in Seropédica and started in the activity during the coronavirus pandemic. I also address the trajectory of Paulo Lima, a delivery man from São Paulo known as Galo, who gained public notoriety for leading the Anti-Fascist Deliverers movement. The approach to these trajectories was made by adopting methodological procedures that involve life stories and biographical narratives, based on interviews carried out in the field, in addition to the analysis of documents, reports and videos made available by press sites in the case of Paulo Lima, o Galo.

Keywords: delivery men, motoboy, Seropédica, labor, anthropology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - JOVENS, NEGROS, SEROPEDICENSES E ENTREGADORES: IURY E LUIZ GUSTAVO	19
1.1 - A atividade de entregas	19
1.2 - O tempo “livre”	27
1.3 - Estudo, emprego e sonhos	31
CAPÍTULO 2 - MULHER, ENTREGADORA E UNIVERSITÁRIA: A TRAJETÓRIA DE RAYNA	37
2.1 - O trabalho para além dos ganhos materiais	38
2.2 - A universidade e os universitários na cidade	43
2.3 - Gênero no trabalho de entregas em Seropédica	51
CAPÍTULO 3 - DO RAP PARA A POLÍTICA: GALO	56
3.1 - Do rap, passando pelo funk, pela prisão, até o financiamento coletivo	57
3.2 - <i>Motoboy</i> x entregador de aplicativo: a <i>uberização</i>	66
3.3 - Filme <i>Você não estava aqui</i>	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	
BIBLIOGRÁFICAS	75

INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa sobre trabalhadores entregadores de *delivery* que tem como objetivo mapear aspectos objetivos e subjetivos nas trajetórias de trabalhadores desta categoria. Para isto, investigo as histórias de Lury, Luiz Gustavo e Rayna, entregadores que atuam em Seropédica, no estado do Rio de Janeiro, e que começaram na atividade durante a pandemia de coronavírus. Abordo, ainda, a trajetória de Paulo Lima, entregador paulistano conhecido como Galo, que ganhou notoriedade pública por liderar o movimento Entregadores Antifascistas. As trajetórias deles são o ponto de partida para se observar aspectos como as expectativas em relação aos estudos, a relação com o trabalho para além de ganhos materiais, a formação crítica de um jovem de periferia, entre outros.

Antes de mergulhar mais detidamente no tema que pesquiso nesta dissertação, gostaria de compartilhar alguns aspectos da minha própria trajetória pessoal e familiar. Tenho 30 anos, nasci no interior do Rio de Janeiro. Em 2010, me mudei para Seropédica para estudar na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e nunca mais saí desta cidade. Meus pais são trabalhadores, de uma geração que tem no trabalho valores morais de responsabilidade, dignidade, integridade. Ainda no ensino médio comecei a trabalhar em uma padaria e o mundo do trabalho deixou de ser a fonte de valores aprendidos em casa para passar a ser a razão do cansaço, das dores nas costas, do estresse, da exploração, das humilhações. Quando concluí o ensino médio, em 2008, não passei nos vestibulares. No ano seguinte, com o dinheiro do trabalho na padaria, paguei um curso pré-vestibular e em 2009, consegui o que, na época, me parecia impossível: fui aprovada para o curso de Jornalismo da UFRRJ, minha primeira opção. Estudar em uma universidade pública havia sido o sonho de uma vida inteira, uma oportunidade para trilhar uma vida um pouco melhor do que a dos meus pais.

Na universidade, me interessei principalmente pelas disciplinas teóricas e, também, procurei circular por outras áreas. No decorrer dos anos, participei de incontáveis atividades extra-curriculares. Como ouvinte fui à atividade de contação de histórias, participei de mostra de cinema paraibano, ciclo de palestras oferecido aos estudantes do curso de Ciências Agrícolas, semanas

acadêmicas, palestras de História, Ciências Sociais, Belas Artes, Filosofia, e tantas outras atividades. Além disso, eu também ocupei meu tempo ajudando na construção do Centro Acadêmico de Jornalismo, participando de uma gestão do Diretório Central de Estudantes, e da organização de semanas acadêmicas de Jornalismo. Tinha uma necessidade enorme de preencher meu tempo. Pensava na minha rotina anterior, de oito horas de trabalho por dia na padaria, de domingo a domingo, uma atividade para mim esvaziada de sentido. Esse pensamento me servia de incentivo para preencher minha rotina de ocupações que, a meu ver, tinha significado, já que envolvia atividades que não eram alienadas de mim mesma.

Na graduação, fui apresentada à obra do educador Paulo Freire, um dos maiores intelectuais brasileiros de todos os tempos. Ler alguns de seus escritos e conhecer um pouco da sua história fez com que suas ideias se tornassem uma das maiores influências em minha própria trajetória. A partir do processo educativo, Freire problematizou a natureza humana, a realidade histórica, as relações sociais e políticas. Baseou seu pensamento a partir da realidade e das relações concretas. Defendeu que a natureza humana é inacabada, que vivemos em uma realidade também inacabada, e que, portanto, o homem é um ser histórico e capaz de transformar a própria realidade – neste sentido, é uma potência revolucionária. Nos tempos sombrios em que vivemos, hoje ele é novamente perseguido, já que em um processo de acirrada desumanização as ideias de Freire constituem novamente uma ameaça. Mas Freire ainda é lembrado por milhares de pessoas que buscam, em sua obra, mecanismos que fortaleçam a luta por uma sociedade mais justa, mais humana. Sua obra também é um sopro de esperança, um escape do fatalismo ingênuo, um refúgio no ímpeto pela transformação. “Para ser tem que estar sendo”, ele disse. É acompanhada desta frase de Freire que busco as construções cada vez mais humanas em face dos processos desumanizadores, a mudança em oposição à paralisia.

A partir do terceiro período de graduação, fiz inúmeros estágios em jornalismo. Quando comecei a construir uma carreira profissional no jornalismo, esta carreira passou a ser atravessada pela academia. Estagiei na Revista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, PIBID, na equipe de comunicação da Pró-Reitoria de Extensão, e na equipe de comunicação de uma

instituição de ensino privada. E foi durante o estágio na *Rádio MEC* que surgiu meu interesse sobre o tema do projeto de pesquisa que submeti durante a seleção de mestrado do PPGCS, em 2019.

A *Rádio MEC* fica no centro do Rio de Janeiro. Neste período, eu já morava em Seropédica e como o estágio era de seis horas por dia, de segunda à sexta mantive uma rotina típica de quem mora na periferia de uma metrópole e trabalha no centro. Um “novo” mundo do trabalho se desvendou para mim, com quase seis horas de deslocamento diários, entre ônibus e metrô, ao mesmo tempo em que os estudos forjavam um olhar mais apurado sobre as relações humanas e os espaços sociais e profissionais.

Uma das formas de exercitar esse olhar era circular pela cidade do Rio de Janeiro carregando meu olhar de “interiorana” que ainda se surpreende, mas com o tempo passei a estranhar menos os modos de estar na metrópole. Um dos estranhamentos que vivia era o trem. Quando utilizava o trem, eu tentava observar as pessoas, prestava atenção às histórias que elas contavam, estava atenta às mudanças na paisagem, ao barulho, notava a presença de pedintes e de vendedores ambulantes. Andar de trem era uma oportunidade para ler o mundo a partir do olhar de interesse pelas relações sociais.

No mesmo período, como trabalho de conclusão da disciplina Radiojornalismo II, produzi um radiodocumentário sobre o cotidiano dos vendedores ambulantes nos trens do Rio. Foi meu primeiro contato com estes trabalhadores. Entrevistei vendedores, usuários dos trens, um representante da SuperVia, um vendedor que criou um Sindicato dos Vendedores Ambulantes e o pesquisador Lenin Pires, professor da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Entrevistei mais de dez vendedores entre homens e mulheres de diferentes idades que trabalhavam vendendo nos trens havia algumas semanas ou mesmo há décadas. Dentre as inúmeras histórias, algumas chamaram particular atenção, como o caso do Sr. Davi, que, na época, trabalhava nos trens havia 54 anos. Ele começou na atividade aos oito anos de idade a mando do pai, que também vendia produtos nos trens. Outro interlocutor, Azulão, começou a vender nos trens quando, vítima do desemprego, já faltava o alimento para a família. Envergonhado, escolheu vender bananadas no ramal mais distante de sua casa. Minha interlocutora Mara, que estava grávida de quatro meses,

costumava vender bebidas, mas por conta da gravidez havia começado a vender salgadinhos porque são mais leves de carregar. Carlos, ao invés de responder às perguntas, questionava sobre o objetivo do trabalho e sobre onde seria a veiculação. Estudante de História, Carlos não quis contar sua trajetória, mas indicou leituras sobre a história do trem e sugeriu caminhos importantes para o radiodocumentário. João Batista trabalhava nos trens quando faltavam empregos na construção civil, e disse que a atividade alterava sua autoestima: ele se sentia “rebaixado” desempenhando esse trabalho.

Isso aqui rebaixa muito a pessoa, isso de camelô. A autoestima da pessoa. Às vezes uma pessoa conhecida passa. Mas não tem nada a ver. Igual esse amigo, um colega meu ‘pô, tu é profissional, trabalhando de camelô’, não tem nada a ver é um serviço igual outro. Mas rebaixa muito a pessoa. É um pouco humilhante às vezes. Eu me sinto, né. Eu vou voltar pra obra, mas tudo bem é uma questão de tempo. (Relato de João Batista)

Ao entrar em um trem da Supervia, quando as portas se fecham, rapidamente os vendedores ambulantes começam a transitar no meio do vagão. Eles desviam das pessoas enquanto anunciam suas mercadorias. Vendem de tudo: balas e bebidas são os artigos mais comuns, mas a variedade de produtos passa por aparelhos eletrônicos, objetos de higiene pessoal, roupas, acessórios, brinquedos, DVDs, empadas, amendoim, etc. Para vender bebidas, eles carregam uma caixa de isopor reforçada e uma alça também reforçada, muitas vezes com algum tecido ou espuma na altura dos ombros. Dentro da caixa ficam as garrafas de água, refrigerante, cerveja e gelo - muito gelo para manter as bebidas geladas. As caixas são visivelmente pesadas e pouco ergonômicas. Já a venda de doces e da maioria dos outros produtos é feita por meio de um gancho de ferro que é pendurado nas barras de ferro que ficam no alto dos vagões, utilizadas para que os passageiros se segurem. Do gancho sai uma corrente, na qual ficam presos saquinhos de doces ou outros produtos. Os ganchos são ainda menos ergonômicos, também muito pesados e ainda exigem dos vendedores força para levantá-los até os ferros de apoio.

A venda dos ambulantes acontece da seguinte forma: eles atravessam os vagões anunciando os produtos andando e carregando as mercadorias. Um passageiro sinaliza, grita “psiu”, “ei, moço”, “opa, amigo”, “oh da água”. Atentos, eles notam, param, voltam alguns passos quando é necessário e fazem a venda.

Além das tradicionais bebidas e doces, o ambulante também pode escolher vender uma mercadoria “diferente”, um produto diferente. Dependendo da capacidade performática do vendedor, acontece um pequeno espetáculo. Ele anda mais devagar pelo vagão ou para em algum ponto central. Faz uma demonstração do produto enquanto discursa para os passageiros, utilizando em sua fala recursos para construir intimidade e graça. É comum que eles falem sobre si em terceira pessoa. “Hoje o camelô vem trazendo para vocês o melhor chocolate, o mais barato, o mais isso, o mais aquilo”. A apresentação é uma cena à parte, muitas vezes parecida com uma esquete de *stand-up comedy* que conquista risadas coletivas.

Dentro dos trens é difícil compreender o que os vendedores dizem, já que todos eles gritam e o som das janelas e ferros batendo no próprio vagão do trem também é bastante alto. A maior parte deles tem vozes muito potentes, que frequentemente incomodam os ouvidos sensíveis ou as conversas entre os passageiros. A voz também é um instrumento de trabalho dos vendedores que interfere no desempenho. Alguns utilizam um microfone sem fio. Dentre os muitos vendedores que circulam nos trens, quem fala baixo não é notado, e não vende.

Como se pode perceber, a condição laboral do exercício das vendas nos trens é árdua: são inúmeras horas por dia se locomovendo enquanto carregam caixas e ganchos com produtos pesados. A consequência é um intenso desgaste físico e problemas de saúde a longo prazo.

A maioria dos vendedores é de homens. As mulheres estão presentes, mas viajando de trem frequentemente e observando os vendedores ambulantes em minhas pesquisas pude perceber que ser vendedor ambulante nos trens é, essencialmente, uma atividade masculina. E mesmo quando há mulheres exercendo a atividade, em geral há uma postura “masculinizada”. Mais uma característica que é possível notar observando os vendedores ambulantes é que se trata em sua maioria de uma população não-branca.

Inspirada na experiência de João Biehl (2020), que afirma que foi o contato com sua interlocutora, Catarina, que fez dele um antropólogo, foi também o contato com essas histórias de homens e mulheres trabalhadores dos trens que despertou meu olhar de cientista social interessada nos trabalhadores.

Já no PPGCS, cursando a disciplina de Teorias Clássicas, encontrei uma das maiores referências na construção do meu olhar sobre o mundo e, também, sobre a pesquisa acadêmica: as obras de Karl Marx. Já tinha lido *O Manifesto do Partido Comunista* no primeiro semestre da graduação para a disciplina Introdução às Ciências Sociais. Depois, tal interesse se consolidou quando me envolvi no movimento estudantil e me senti atraída pela política de forma mais ampla. Mas as leituras mais aprofundadas, o debate sobre seu método e temas tornaram os ensinamentos de Marx essenciais na construção do meu olhar sobre o mundo e até mesmo na formação do meu caráter.

Com este relato, pretendo demonstrar que a escolha do tema desta pesquisa é pautada pela centralidade que o trabalho possui na construção das minhas próprias subjetividades, pela formação de um olhar de pesquisadora social, e, também, pelo posicionamento ético e político que carrego: decidi pesquisar trabalhadores porque esta é a perspectiva de onde parte meu olhar sobre o mundo.

Meu projeto de pesquisa inicial tinha como objetivo investigar as alterações no mundo do trabalho a partir das histórias de vida dos vendedores ambulantes dos trens do Rio de Janeiro, aprofundando e ampliando a pesquisa anterior. Meu objetivo era apresentar e analisar, nas trajetórias destes trabalhadores, nas suas subjetividades, as marcas do trabalho informal e da precarização resultante da venda cotidiana nos trens. No entanto, em 2020 a pandemia do coronavírus desorganizou praticamente todos os aspectos da vida, tornando o ambiente do trem inseguro e ainda mais distante. Com a dificuldade prática para realizar a pesquisa e todo o contexto de insegurança e medo gerado pela pandemia, uma nova categoria de trabalhadores precarizados, que atuam circulando pela cidade, sem vínculos formais, começou a, literalmente, bater à minha porta.

Os riscos à saúde que vieram em consequência da pandemia impuseram o isolamento e o distanciamento social. Empresas e instituições estabeleceram o regime de trabalho remoto para uma parcela dos funcionários enquanto milhares de trabalhadores continuavam em suas atividades presenciais, tornando evidente as desigualdades sociais no país. Alguns estados do país incluíram o trabalho de empregadas domésticas como serviço essencial, expondo, mais uma vez, a desigualdade e o elitismo presente nas

classes dominantes brasileiras. Além da própria dificuldade de enfrentar um problema de saúde pública, com pouco conhecimento científico a respeito de uma doença nova, o governo brasileiro atuou para espalhar o vírus, apostando em propaganda anticiência, estimulando o uso de medicamentos sem eficácia comprovada e defendendo um falso dilema entre a proteção contra o vírus e a saúde econômica do país.

Em meio a esta situação dramática de crise sanitária e econômica, a pandemia aumentou o consumo de *deliveries*, e eu fui uma destas pessoas que passou de quase nunca para quase todos os dias fazer algum pedido para ser entregue em casa. Com o privilégio de poder trabalhar remotamente e a preocupação real com a pandemia, buscando o isolamento social, passei a consumir comidas e bebidas nessa modalidade, o que me colocou em contato frequente com entregadores. A curiosidade sobre esta categoria e estas pessoas me impeliu a “puxar assunto”, a perguntar sobre as horas de trabalho, a comentar sobre o peso da mochila, a mostrar interesse se o atraso era devido à quantidade de entregas, etc.

Decidi, então, abrir esta nova frente de pesquisa: ao invés de aprofundar a investigação já iniciada sobre os ambulantes dos trens, como pretendia, resolvi estudar os entregadores de Seropédica. Inicialmente mantive as perspectivas metodológicas e a hipótese central de que é possível refletir, a partir do relato de suas histórias de vida, sobre as condições objetivas e subjetivas do trabalho no tempo atual. No entanto, a construção do trabalho apontou para um olhar mais flexível em relação a possíveis generalizações e mais atento às especificidades. O objetivo geral desta nova pesquisa é, portanto, mapear aspectos objetivos e subjetivos nas trajetórias de trabalhadores desta categoria. Para isto, investigo as histórias de Lury, Luiz Gustavo e Rayna, entregadores que atuam em Seropédica (RJ), e começaram na atividade durante a pandemia de coronavírus. Abordo, ainda, a trajetória de Paulo Lima, entregador paulistano conhecido como Galo, que ganhou notoriedade pública por liderar o movimento Entregadores Antifascistas, em São Paulo. A abordagem destas trajetórias foi feita adotando procedimentos metodológicos que envolvem as histórias de vida e de narrativas biográficas, a partir de entrevistas realizadas em campo, além da análise de documentos,

reportagens e vídeos disponibilizados por sites de imprensa no caso de Paulo Lima, o Galo.

A escolha pela metodologia das histórias de vida está relacionada ao fato de que o método possibilita apresentar os sujeitos da pesquisa por meio de suas próprias perspectivas, ressaltando que, como defende Howard Becker (1993), as interpretações que as pessoas fazem de sua própria experiência compõem o quadro de compreensão sobre os suas vidas, mas o acesso que se tem à elas parte da interpretação, seleção e narrativa do autor. Cabe ao cientista social garantir que a história de vida cumpra etapas para “que ela abranja tudo o que quer conhecer, que nenhum fato ou acontecimento importante seja desconsiderado, que o que parecer real se ajuste a outras evidências disponíveis e que a interpretação do sujeito seja apresentada honestamente” (Becker, 1993, p.103).

As histórias de vida foram coletadas a partir da realização de entrevistas com três interlocutores, Iury, Rayna e Luiz Gustavo, nas quais busquei atuar no sentido do que aponta Guita Debert, de que “o que esse diálogo com os informantes permite é uma relativização dos conceitos e de seus pressupostos que, muitas vezes, na forma através da qual são formulados, tendem a universalizar as experiências humanas” (Debert, 2004, p. 145). Na busca por um olhar mais relativizado sobre estes trabalhadores, apresento a trajetória de Paulo Galo, em outro contexto, como mencionado antes, tomando como método a análise de documentos, tais como reportagens jornalísticas, vídeos de *Youtube*.

Nas entrevistas coletadas em campo, a principal matéria-prima é a memória dos entrevistados sobre suas trajetórias de vida e de trabalho. A memória aqui é entendida a partir da categoria de “memória coletiva” de Maurice Halbwachs que, entre outros aspectos, aponta que as lembranças não podem ser efetivamente analisadas sem levar em consideração os contextos sociais, que são a base para o trabalho de reconstrução da memória. A memória dos sujeitos é entendida, aqui, não apenas como correspondendo às suas recordações e vivências individuais, mas como integrante de uma comunidade afetiva e, portanto, baseada nas lembranças dos grupos sociais nos quais esses indivíduos estão inseridos. (Halbwachs, 1990)

Ao trabalhar com a memória é importante ponderar sobre “a verdade” no discurso dos informantes.

Não se espera, nesse segundo caso, que a história de vida nos forneça um quadro real e verdadeiro de um passado próximo ou distante. O que se espera é que a partir dela, da experiência concreta de uma vivência específica, possamos reformular nossos pressupostos e nossas hipóteses sobre um determinado assunto. (DEBERT, 2004, p. 124)

Procurar reconstruir e narrar a trajetória de vida dessas pessoas permite uma compreensão mais ampla dos sujeitos para além das relações de trabalho. Assim, os relatos acerca dos empregos ou das ocupações que os interlocutores tiveram são apenas alguns aspectos das trajetórias dessas pessoas. Optar pelo estudo das histórias de vida também significa reconhecer e valorizar as memórias da classe trabalhadora, que não se limitam às experiências profissionais.

As trajetórias de vida de Iury, Luiz Gustavo, Rayna e Galo orientam, também, a divisão de capítulos deste trabalho. No primeiro capítulo, por conta das aproximações entre as duas trajetórias, trato sobre Iury e Luiz Gustavo. Abordo a relação dos dois com o trabalho de entregas, analiso o uso que eles fazem do tempo de folga e, também, abordo sobre as perspectivas deles em relação aos estudos e ao mundo do trabalho. No segundo capítulo, a trajetória de Rayna guia a análise sobre as relações de trabalho para além dos ganhos materiais, o estudo sobre a relação entre a universidade e a cidade de Seropédica e sobre aspectos relacionados à questão de gênero no trabalho de entregas. O terceiro e último capítulo é norteado pela trajetória de Galo, que apresento a partir da sua trajetória política, a partir da diferenciação entre as categorias de *motoboy* e entregador de aplicativo e, por último, faço um paralelo entre as trajetórias dos trabalhadores presentes nesta pesquisa e os personagens do filme *Você não estava aqui*, do cineasta britânico Ken Loach.

CAPÍTULO 1 - JOVENS, NEGROS, SEROPEDICENSES E ENTREGADORES: IURY E LUIZ GUSTAVO

Iury é um rapaz negro, que no momento da entrevista tinha 21 anos. Ele nasceu em Paracambi, cidade vizinha, mas sempre morou em Seropédica (RJ). Concluiu o ensino médio e antes de trabalhar como entregador já tinha atuado como ajudante de loja de material de construção, ajudante de metalúrgico com o pai e, de acordo com ele, “mais outras coisas aí”. Iury passa o tempo de folga com a namorada. Ele menciona não ter, da família, o reconhecimento do seu trabalho.

Luiz Gustavo é um jovem negro de 23 anos que trabalha fazendo as entregas de um depósito de bebidas. Ele mora com a esposa e três crianças, já atuou como mototáxi, como entregador de outro estabelecimento e, também, como caixa no mesmo depósito em que trabalha atualmente. Ele, que estudou até o primeiro ano do ensino médio, é o único que trabalha em sua casa. Luiz Gustavo conta com a ajuda dos pais como parte de sua rede de apoio.

Neste primeiro capítulo, apresento então a trajetória destes dois jovens entregadores conjuntamente, pois são relatos que se aproximam em diversos aspectos: ambos jovens negros, com pouco mais de 20 anos, que vivem em Seropédica desde que nasceram, que começaram no trabalho de entregas durante a pandemia e que apesar da pouca idade já transitaram em outras atividades. Destaco e analiso três aspectos nos seus relatos: a relação com a atividade de entregas; a maneira como concebem o tempo de não-trabalho, principalmente no que tange à relação com a família e com o tempo de folgas; e, por último, busco compreender a relação deles com os estudos, suas perspectivas profissionais e sonhos.

1.1 - A atividade de entregas

Esta pesquisa sobre os entregadores começou com a observação atenta destes trabalhadores que, literalmente, batiam à minha porta. Passei a observar as motocicletas que eles usavam, suas características físicas, se pareciam estar irritados ou bem-dispostos. Passei a “puxar assunto”, a

perguntar se trabalhavam em mais de um lugar, se estavam em um dia muito atribulado, comentava sobre estarem trabalhando em fim de semana, etc. Em seguida, com a decisão de, de fato, pesquisar este grupo, tentei marcar entrevistas com os entregadores que me pareciam mais disponíveis.

Minha primeira entrevista foi com lury, um rapaz negro, de 21 anos, que trabalha fazendo as entregas do restaurante *delivery* no qual eu frequentemente peço quentinhas¹ de almoço. Eu me tornei uma cliente assídua do restaurante e como ele era o único entregador do estabelecimento nós já havíamos trocado algumas palavras além do valor da refeição, a forma de pagamento e os “obrigada/obrigado”. Na verdade, o fato de ver o mesmo entregador com tanta frequência foi importante para o despertar do interesse sobre estes trabalhadores. Com a decisão de pesquisar os entregadores de Seropédica, o primeiro contato para uma entrevista foi, naturalmente, com lury.

Em uma das entregas, mencionei que estava pesquisando o tema dos entregadores, perguntei se ele aceitaria ser entrevistado e pedi seu contato. Este também foi o procedimento que assumi com Luiz Gustavo. Apesar de ter conversado e pedido o contato de outros entregadores, alguns não retornaram as mensagens ou desmarcaram as entrevistas.

Entre pedir o número de telefone e efetivamente entrar em contato com lury, demorei em torno de um mês, período que aproveitei para tentar aprofundar a relação nas brevíssimas palavras trocadas que cabem nos poucos minutos de uma entrega. lury atendeu prontamente o pedido de entrevista, que aconteceu no Espaço Cultural Casarão², local administrado por amigos meus que também consomem as quentinhas do local em que lury trabalhava e que, portanto, também o conheciam. A entrevista com Luiz Gustavo também aconteceu no local. Ao chegar no espaço, antes da entrevista, lury comentou que apesar de ter feito muitas entregas, nunca havia entrado ali.

lury começou no trabalho de entregas durante a pandemia, e mais do que apenas ter iniciado a atividade durante esse período, a realidade pandêmica

¹ Quentinha é o nome comumente utilizado para refeições colocadas em embalagens descartáveis de alumínio ou isopor, também conhecidas como marmita ou marmitex.

² O Espaço Cultural Casarão é uma casa utilizada como espaço cultural e *coworking* gerida por ex-estudantes da UFRRJ. A fala de lury, ao afirmar que nunca havia entrado no local, aponta para uma diferenciação entre espaços da cidade que são “para estudantes” e espaços que são “para moradores”. Este ponto será melhor trabalhado no capítulo seguinte.

foi um dos principais fatores para isso, já que, para comprar a moto com a qual trabalha ele juntou o valor do auxílio emergencial a uma quantia que já havia poupado. Na entrevista ele expõe consideravelmente sobre as muitas dificuldades que encontra no trabalho de entregas. Ele narrou os acidentes que sofreu, apontando os perigos da atividade. Revelou que tem medo de certos aspectos da profissão e mencionou os conflitos nos ambientes de trabalho. Segundo ele, sua família não vê positivamente a sua atividade. Como um desabafo, Yuri chegou a dizer que ele próprio não via nada de bom nesse trabalho.

Pollyana: Perguntei o que você acha [da atividade de entregador], a primeira coisa que você falou é do perigo. Depois contou do estresse. Eu ia perguntar se você acha que tem alguma coisa de bom. Ou, enfim, o que pode ter de bom. De ruim acho que você já falou, né. Mas se tiver mais alguma coisa também.

Iury: Acho que... de bom. De bom não sei. Sinceramente, não sei. (silêncio).

Em relação aos acidentes que sofreu, Iury primeiro contou sobre duas situações: uma delas quando um cachorro atravessou na sua frente e o fez cair; e uma segunda ocasião, na qual ele estaria errado, pois bateu na traseira de um carro, mas o motorista estava ainda mais errado, pois estava dirigindo bêbado. Apesar do prejuízo, ele diz ter tido sorte, já que não precisou pagar o conserto do carro, apenas o restauro da sua moto. Sobre o segundo acidente, ele comenta: “Machuquei só, sangrou bastante, parecia até que tinha fraturado e tal, essa unha aqui, com o impacto, subiu, aí ficou agarrada aqui assim, foi a parte que mais sangrou. Tem até calo ainda, calo de machucado”.

Em outro momento da entrevista, no qual ele volta a falar sobre os riscos da atividade, Iury lembra de um terceiro acidente, que também envolveu um motorista alcoolizado e que ele não teve apoio no momento do acidente ou posteriormente.

Pollyana: Mais um, além dos outros dois?

Iury: É. Mas foi leve. Leve, mas pesado. Pô, o cara veio, eu estou descendo a rua, o carro entrou à esquerda dele, à minha direita, sem dar seta. Aí passou na minha frente. Entrei debaixo do carro do cara. A sorte de que foi coisa pouca. Mas poderia ter quebrado coisas da moto e o carro dele não aconteceu nada. E o cara, mais uma vez, estava bêbado. Eu fiquei lá arrumando a moto e ele foi embora. Me deixou a pé. Ele foi embora. Aí depois voltou. Voltou ‘e aí, e aí’. ‘E aí, o que?’ ‘E, aí?’ ‘Ué, quebrou minha moto, e agora como que eu trabalho?’

Pollyana: Você estava trabalhando nesse dia?

Iury: Estava trabalhando. Todas as vezes em que eu bati, estava trabalhando. Quando eu passeio com a moto eu aqui para o 54 [Km 54] só, ali, ver minha namorada e voltar. Só isso. Eu não tenho nem tempo mais de sair, no caso.

Como não tem nenhum vínculo empregatício, Iury ficou poucos dias sem trabalhar por conta dos acidentes. De acordo com ele, dois ou três dias no primeiro e quatro ou cinco dias no segundo. Além da fragilidade física e econômica após os acidentes (já que ficar sem trabalhar significa ficar sem receber), ele também precisou lidar com o medo de novos acidentes:

Pollyana: E como foi para voltar, depois disso?

Iury: Com medo. Muito medo. Eu tentava segurar mais, não andava tão rápido. Porque a gente tem que andar rápido, né, porque senão tem cliente que acha que a gente é só deles. Tem cliente que assim, 'pô, tá demorando muito', mas esquece tem outros cliente para entregar também. A gente fica sobrecarregado. Aí patrão acha que 'ah, pô, você tem que ir rápido, não sei o que, tem que entregar', mas a gente é só um, não tem como fazer (ele estala os dedos) e entregar todos os alimentos, né. É isso.

Neste trecho, é possível perceber que, além do medo de novos acidentes, a rotina de trabalho de Iury também é marcada pela pressão tanto de patrões quanto de clientes. O estresse no ambiente de trabalho parece marcante para ele:

Iury: Pizzaria da Vila³. A pizza é muito boa. Não é de borda, mas é muito boa. Eu gosto muito de lá. Da pizza.

Pollyana: Você não gosta de trabalhar lá não?

Iury: De um tempo pra cá eu tive muito estresse lá, aí comecei a trabalhar durante o final de semana. Eu trabalhava direto lá, todo dia, só um dia de folga e tal. Aí como sempre tem bastante estresse, aí já estou procurando outros lugares para, talvez, até querer largar a profissão. Porque muito estresse. Tem estresse com cliente, tem estresse com os outros funcionários que estão na pizzaria. Porque querendo ou não, o funcionário que tá lá, fixo, recebe uma diária, um salário fixo. A gente não, a gente faz de cinquenta a cem, cento e vinte, cento e cinquenta [reais por dia, em entregas]. Aí os funcionários já crescem o olho, pô...

Pollyana: Por dia isso?

Iury: É. Os funcionários já crescem o olho, 'pô, já tá tirando isso, e você dá mais diária. Aí fica perturbando a cabeça do patrão. Só que não é o patrão que paga, os clientes que pagam a taxa de entrega. Aí eu já tô pensando em largar porque é muita dor de cabeça e não iria também. Eu comecei, semana passada, na hamburgueria, fazendo esse esquema, de segunda à quarta, aí,

³ Neste caso, por se tratar de um relato sensível, de crítica ao local de trabalho, o nome do estabelecimento foi alterado para evitar possíveis retaliações.

essa semana, que eu pensei assim, 'pô, vou pra lá, vou largar a pizzeria e vou para lá', na segunda-feira me deu estresse. Aí eu, 'pô, não tem como', não é diferente.

Pollyana: Mas o que te causou o estresse?

Iury: É discussão. Eles começam a discutir, aí começam a jogar um na cara do outro, eles brigam entre eles mesmo. Aí a gente olha assim, 'cara, para que isso?'. Aí sobra para a gente. Por erro de outro *motoboy* também acaba sofrendo. Igual aconteceu uma quizumba essa semana: eu saí com uma quantia, para fazer troco para a loja. Quando foi fechar o caixa não bateu, deu menos. O cara falou, 'ué, eu tive pouco movimento, mas eu não tive lucro, eu estou tendo prejuízo'. Eu cheguei não 'eu fiz isso tal, tal, tal. e... aconteceu isso. Você já viu com o outro *motoboy*?'. Ele ficou angustiado e tal aí já começou o estresse. Como que eu vou ficar em um local que patrão não consegue confiar? É complicado. E os funcionários também, não ajuda, né. Lá na hamburgueria é complicado também.

De acordo com o relato de Iury, o estresse parece ser uma constante. Ele vislumbra deixar um dos locais de trabalho, aparentemente o mais problemático para ele, e aumentar sua carga de trabalho em outro para evitar o estresse, mas percebe que as questões também estão presentes no outro estabelecimento. O relato dele também revela os conflitos entre os funcionários. Ele aponta, principalmente, a questão financeira para os desentendimentos entre funcionários, fala sobre "crescerem o olho" e, também, sobre funcionários que o destratam por ele ganhar mais.

Por estar ganhando menos, essas coisas assim. Quer ver você quebrar a moto, quer ver você ficar na chuva, rir de você quando está chovendo. É muita sacanagem. Lá na pizzeria tem um funcionário que é assim. Por conta de que ele está ganhando menos. Ele trabalha os mesmos dias e ganha menos que a gente, aí ele fica destacando. Entendeu.

É neste momento da entrevista que, questionado sobre o que percebe de bom na atividade, Iury declara não saber o que há de bom no trabalho de entregador. Apesar dos problemas, ele reconhece, no entanto, os momentos de distração e descontração com os outros funcionários e com os patrões, apontando, assim, que sua experiência de trabalho também possui aspectos positivos, além dos dissabores.

Mas o pessoal de lá é, tipo assim, tem uns estressezinho, mas é legal, eu gosto de ficar, quando não tem muito movimento a gente gasta onda, fica marolando. Pô, na pizzeria, quando era no outro lugar também, era a mesma coisa quando não tinha movimento, a gente gastava onda também. Quando não tinha movimento na época os patrões aí chegava, pô, tinha dia de quarta, dia de terça-feira, dia de fazer, e... fazia aqueles caldão,

ia lá, comia todo mundo junto, pô, era maneiro pra caramba. Mas depois que veio pra cá...

Já Luiz Gustavo assume uma postura diferente e apresenta uma visão menos pessimista da atividade de entregas. Ele declara que “é bom” exercer a atividade, mas também afirma que os riscos de acidentes são a pior parte desse trabalho. “De ruim é só os acidentes que você pode sofrer. Fora isso, tranquilo”. Até o momento da entrevista, Luiz Gustavo não havia sofrido nenhum acidente. Sobre o estresse, ele apresenta a relação com os clientes como fonte da tensão:

Pollyana: Você acha que tem muito estresse? Que é um trabalho estressante?

Luiz Gustavo: Não. Depende.

Pollyana: Depende de quê?

Luiz Gustavo: Depende muito dos clientes, como você age. Igual, tem pessoas que já têm uns três pedidos, e a pessoa faz um pedido, ela é a quarta, aí ela quer o pedido na hora. Então você vai explicar para ela que você tem mais três pedidos na frente, o que demoraria uns 40, 50 minutos. A pessoa entendendo, de boa, ela não entendendo, ali ela já cancela na hora. Caso você não fale isso, ela já, vamos dizer que a verdade você quer fazer a parada dela e falar que uns 20 minutos você vai fazer, sendo que você não vai fazer...Você acaba criando uma treta entre você e o cliente, entendeu?

Pollyana: E com o depósito, existe algum tipo de conflito?

Luiz Gustavo: Não. Tranquilo.

Pollyana: Com os chefes, assim.

Luiz Gustavo: Não, de boa.

De modo geral, lury percebe o trabalho de entregas como estressante e arriscado. Já Luiz Gustavo, apesar de também mencionar os riscos da atividade, o estresse e os eventuais conflitos com clientes, apresenta uma visão positiva do trabalho. Ele menciona, por exemplo, a possibilidade de trabalhar mais e ganhar mais como um ponto positivo.

Pollyana: [...] O que você acha desse trabalho?

Luiz Gustavo: Então, acho um trabalho bom, arriscado, mas, por outro lado, você pode ganhar mais em dia de movimento. Quanto mais você faz, mais você ganha. Então quanto mais você trabalha, mais dinheiro você ganha.

No entanto, mesmo apontando que “quanto mais você trabalha, mais dinheiro você ganha”, Luiz Gustavo almeja um emprego formal, apesar de não ter perspectivas de conquistar uma ocupação com “carteira assinada”.

Pollyana: Você não parece insatisfeito com a atividade. Você falou que é bom.

Luiz Gustavo: É bom.

Pollyana: Mas você pensa em trabalhar em alguma outra coisa?

Luiz Gustavo: Se eu penso em trabalhar em alguma outra coisa? Sim, né. Sim. Mais pela questão de carteira assinada, os seus benefícios, tudo bonitinho.

Pollyana: Você imagina alguma coisa em vista?

Luiz Gustavo: Não.

Uma outra diferença entre os dois entregadores é que, mesmo trabalhando de maneira informal, e com uma renda variável, assim como Iury, Luiz Gustavo tem uma rotina de trabalho mais parecida com a de um trabalhador com carteira assinada que possui direitos trabalhistas. Diferente de Iury, que trabalha em vários locais diferentes, por horas entrecortadas durante o dia, Luiz Gustavo trabalha em apenas um local, cumprindo uma jornada de oito horas por dia. A partir destas duas experiências, já é possível perceber que a atividade de entregas não acontece de uma única maneira.

Iury e Luiz Gustavo se referem à própria atividade como trabalho de *motoboys*. O trabalho de *motoboy* surgiu associado às grandes metrópoles. De acordo com Moraes *et al* (2015), a profissão surgiu no Brasil em meados da década de 1980, tendo mais expressão nas décadas seguintes, e está associada às transformações do capitalismo contemporâneo. A profissão, caracterizada pelo transporte de documentos, alimentos e objetos, possui esta associação urbana porque as motocicletas passaram a ser uma alternativa estratégica para fugir do trânsito cada vez mais volumoso e lento nas grandes metrópoles. Além de custos de manutenção e gasolina, por exemplo, serem menores do que de um carro.

O valor do próprio veículo e das tarifas de serviço mais baixos tornam as motocicletas meios de transporte mais acessíveis. Por este motivo, as motos, no Brasil, representam um meio de transporte importante especialmente para a classe trabalhadora. Elas contribuem para a mobilidade social e são utilizadas tanto para transporte pessoal, como para serviços de mototáxi, *motoboy* e motofrete. Especialmente nas classes mais baixas, ter uma moto pode ser um diferencial e, também, uma oportunidade.

Luiz Gustavo, antes de trabalhar como motoboy, atuou como mototáxi, o que demonstra certa continuidade em um uso oportuno da motocicleta como forma de viabilizar um trabalho. Iury comprou uma moto usada e sem documentos, o que provavelmente diminuiu o valor do veículo. Ele também não

tinha habilitação e disse que não tinha muita experiência em pilotar uma moto “todo dia é quase um acidente”, ele disse. Quando perguntado sobre como iniciou na atividade, ele aponta, mais de uma vez, o fato de ter conseguido comprar a moto como fator inicial para começar no trabalho de entregas. A relação oportuna de utilizar a motocicleta como forma de trabalho, para ele, parece ainda mais intencional.

Interessados no ingresso, permanência e abandono da profissão de *motoboys*, Moraes *et al* (2015) analisaram um grupo de 189 trabalhadores. Eles apontam que muitos apresentaram como motivos para ingressar na atividade, além de aspectos materiais como a flexibilidade de horários, a liberdade de trabalhar sem a presença de supervisão, a facilidade do trabalho e o retorno financeiro. Eles também citaram justificativas e concepções sobre a ocupação carregadas de simbolismos, mitos e fantasias. Aspectos como “sentir-se beneficiado por poder ser remunerado para conduzir um veículo como a motocicleta, simbolicamente atrelada ao apelo pela ousadia, confrontação e liberdade, ao mesmo tempo possibilitando ser reconhecido como pessoa com coragem e virilidade” (Moraes *et al*, 2015, p. 76).

Essa perspectiva é endossada por lury, que relata:

Tipo assim, você está numa moto, todo mundo fala, você está numa moto, você quer ganhar o mundo. É bom, eu já viajei umas duas vezes. Para lugares perto assim, é muito bom. É bom, mas é bastante perigoso. Porque a gente é pequeno, né.
(Relato de lury)

Já Neto, Mutaf e Avlasevicius (2006), em um trabalho realizado ainda na primeira década do século XXI, apontam as diferenças dentro da própria categoria e afirmam que o fator comum, que unifica o grupo é a relação com o desemprego, que todos buscavam escapar e encontram na motocicleta um instrumento para uma oportunidade de inserção. A categorização apresentada pelos autores inclui os *motoboys* que trabalham com carteira assinada para alguma empresa grande. A situação estável seria, de acordo com os autores, o ideal a ser alcançado. Este grupo se configurava, assim, como uma elite no meio dos *motoboys* que, apesar de não ganharem tão bem, estão longe da informalidade e da insegurança. A pesquisa foi realizada na cidade de São Paulo, uma grande metrópole, e os autores apontam que a maior parte dos *motoboys* atuam na informalidade.

A existência de um tipo de emprego, dentro da mesma categoria, porém com condições mais estáveis, configura um universo de possibilidades dentro da própria profissão. Se há um ideal a ser alcançado, há um movimento possível de melhora nas próprias condições de trabalho. No entanto, o cenário atual, tanto nas grandes metrópoles - em que os *motoboys* têm sido substituídos pelos entregadores de aplicativo⁴ -, quanto em Seropédica, não indica mudanças no quadro de informalidade e insegurança da atividade. Iury e Luiz Gustavo não parecem perceber possibilidade de condições mais seguras para a própria atividade. Tanto que, perguntado sobre se teria interesse em trabalhar em outra área, Luiz Gustavo afirma que sim e aponta justamente para a possibilidade de ter a carteira assinada. O trabalho de um *motoboy* parece uma atividade firmada na informalidade.

1.2 - O tempo “livre”

Para além da relação destes trabalhadores com a atividade produtiva, nesta seção busco analisar brevemente como eles lidam com o tempo de “não-trabalho”, especificamente sobre como eles se relacionam com a família e como significam o tempo de folga. Ao analisar os lugares que a folga ocupa e os processos que ela engendra no cotidiano dos trabalhadores de padarias, Antônio Carriço (2018) aponta que aqueles trabalhadores entendiam a folga como momento estratégico de mediação entre a esfera do trabalho e o restante das suas vidas, mais que um dia de descanso. Eles utilizavam as folgas para cumprir tarefas como capinar um terreno de casa, ajudar familiares ou vizinhos em alguma reforma, fazer um curso, ou até uma fonte de renda alternativa. O pesquisador aponta, ainda, seguindo uma tradição de outros autores que já se debruçaram sobre o tema, que “é preciso integrar às análises a comunidade, os projetos, o lazer, as estratégias e cálculos econômicos, inclusive para fazer jus à condição de sujeito social desses trabalhadores e apresentá-los como mais que meras peças em uma engrenagem (Carriço, 2018, p.5-6).

⁴ Esta distinção será melhor elaborada no terceiro capítulo.

No momento da entrevista, Iury atuava em três lugares diferentes: um restaurante, uma hamburgueria e uma pizzaria. No restaurante seu horário era de segunda a sábado, das 11h30 às 15h; na hamburgueria, de segunda à quarta, das 18h30 à meia-noite. Na pizzaria, ele trabalhava de sexta à domingo, de 18h30 à meia-noite. Ou seja, na parte da manhã/tarde, ele não está em atividade aos domingos, e na parte da noite ele não atua às quintas-feiras. Apesar de se referir a um dia de folga, não havia nenhum dia em que ele não trabalhasse completamente. Ele parece se dar conta disso durante a entrevista.

Iury: Minhas folgas é ver minha namorada e vir pra casa.

Pollyana: É, mas os dias assim, também.

Iury: Um dia. Eu tenho. Do almoço eu tenho um dia que é domingo e à noite eu tenho quinta-feira, que é que eu folgo, que eu não trabalho em nenhum lugar.

Pollyana: Mas não tem nenhum dia que você não trabalhe?

Iury: Não tem nenhum dia que eu não trabalho. É. Isso aí. Eu trabalho todos os dias. Tanto de dia quanto à noite.

Pollyana: Você falou do estresse do trânsito e tal, fora o estresse do trabalho também né, você tem que lidar com as pessoas, achar os lugares, lidar com o patrão...

Iury: Isso aí.

Pollyana: E nos feriados você trabalha direto também, né? Normalmente, ou não?

Iury: Não. Se tem feriado trabalha também. Feriado eu trabalho. Tem alguns lugares aqui em Seropédica que feriados eles não trabalham. Alguns *motoboys* que trabalham nesses lugares só à noite, pega folga assim numa segunda-feira não trabalha, pega folga de segunda-feira, pega folga de terça. Mas a gente, eu, por trabalhar de manhã, no almoço, não folgo no caso, né. Eu pensava que tinha. Eu não tenho folga no caso. É complicado.

Pollyana: Desculpa, se eu te fiz perceber isso.

Iury: Não, tem problema não.

Iury declara que utiliza as folgas para ver a namorada e tentar descansar um pouco: “Mas é só ver minha namorada mesmo, não dá pra descansar não”. Já Luiz Gustavo, que trabalha todos os dias das 13h às 22h, com folga às terças-feiras, afirma que, nestes dias, busca “aproveitar pra descansar e tentar fazer o máximo de coisas possíveis”.

Pollyana: Como assim? Que tipo de coisa?

Luiz Gustavo: Igual, hoje tive que cortar o cabelo, tive que arrumar o quintal, roçar, não consegui. Consegui tirar um tempo para vir aqui e ainda tem que fazer uma situação com um amigo aí.

A experiência de Luiz Gustavo aponta para o tipo de relação oposta à ideia de folga como um momento para lazer e diversão. Importante apontar que a rotina de Luiz Gustavo é parecida com a dos trabalhadores de padaria estudados por Carriço. Ou seja, o entregador possui uma jornada de trabalho que ignora fins de semana. Portanto, assim como apontou Carriço, a noção de semana como noção de tempo, para estes trabalhadores, é utilizada apenas como referência externa, sem a centralidade na vida. Utilizar a folga para cortar o cabelo, roçar o quintal e resolver questões para um amigo é uma forma de aproveitar de maneira produtiva o tempo de folga, desarticulando a ideia de folga como lazer.

Ao contrário de Luiz Gustavo, lury, declara utilizar os momentos de folga justamente para o descanso, que para ele se reflete em passar tempo com a namorada, fora da casa dos pais. Ele também diz que é acusado de dormir muito. Interessante notar, também, os motivos que levam lury, que possui uma rotina de trabalho descontínua, a acreditar que ele possui um dia de folga, quando na verdade ele não possui um dia completo de folga. Lembrando que no restaurante ele trabalha três horas e meia por dia no início da tarde, enquanto à noite sua jornada só começa às 18h30, e dura cinco horas e meia. Ou seja, o dia de folga apontado por ele é o dia da semana que ele não trabalha no horário da noite, que é quando tem a carga mais pesada, tanto em horas trabalhadas como em estresse. Enquanto para os trabalhadores de padaria pesquisados por Carriço e até mesmo para Luiz Gustavo as folgas estão relacionadas a cumprir certas tarefas, para lury, os momentos de folga parecem estar mais próximos da ideia de folga como lazer e descanso.

A relação de lury com a família parece mais um complicador na relação dele com o trabalho de entregador. Ele revela que não tem o reconhecimento da família sobre seu trabalho, e que “várias outras pessoas” também não reconhecem a atividade de entregas como sendo um trabalho porque, teoricamente, essa rotina não cansaria.

E tem várias outras pessoas também que acha que não é um trabalho. Você está ali, mas não é um trabalho, não é uma coisa cansativa, né, a pessoa acha que a gente está sentado em cima de uma moto rodando pra cima e pra baixo não é estressante, não é, não cansa, não é cansativo, então. As pessoas me perguntam, ‘ah, você dorme para caramba’, ‘você não faz nada’, ‘você só fica... você acorda, e fica em cima de uma moto pra

cima e pra baixo e só faz isso', 'só passeia então, né', 'não é cansativo, não é estressante'. É muito estressante. Por conta daquele negócio, de trânsito, né. A gente tá no trânsito é uma coisa estressante. Até mesmo nas ruas, tem pessoas que, tipo assim, ignoram, 'ah, pô', sai atravessando no meio da rua, a gente, se não tá ligado, passa por cima da pessoa, machuca a pessoa, machuca a gente. E é uma coisa que a gente não quer. Se a gente atropelar uma pessoa, além da gente ser, ter que pagar o prejuízo da pessoa, de remédio, essas coisas assim, eu vou me machucar também, e a moto pode, com certeza vai quebrar. Então é um prejuízo grande. A mesma coisa quando um carro bate na gente. Ah, eu já sofri um acidente com essa moto aí. (Relato de lury)

Como mencionado antes, lury diz que a família não considera o que ele faz um trabalho e explica que essa postura se deve ao fato de supostamente o trabalho dele não ser cansativo. Na casa da família, além dele, também o pai e a mãe trabalham: o pai é secretário de escola pública e, também, trabalha como metalúrgico; a mãe é diarista. Aparentemente, o pai de lury cumpre uma rotina de trabalho constante como secretário de escola e aproveita o tempo do “não trabalho” da escola para atuar como metalúrgico. Já a mãe, diarista, é também dona de casa, ou seja, o que ela faz como trabalho remunerado também o faz sem remuneração, em casa. Ou seja, para os pais de lury, o tempo de trabalho e não-trabalho parece se misturar. Essa construção, somada ao fato de lury declarar utilizar as folgas para o descanso pode indicar que a desqualificação da família sobre o trabalho de lury está mais atrelada à maneira como eles percebem o uso do tempo de não trabalho do filho do que realmente a uma visão de que o trabalho de entregas não seria cansativo.

Bem diferente de lury, Luiz Gustavo menciona a família (os pais) como um ponto de apoio. Além disso, ele também guarda um dinheiro para eventualidades, e trata sobre o assunto no plural: “A gente já trabalha melhor questão de juntar dinheiro”, ele diz. Com o trabalho informal, sem garantias, esta atitude parece apontar para uma decisão familiar.

É, o pessoal gasta o dinheiro todo, não faz isso, aí quando acontece alguma coisa já era, entendeu. Mas também tem o meu pai e a minha mãe, eles são gente boa pra caramba, também ajudam, não iriam deixar faltar nada. (Relato de Luiz Gustavo)

1.3 - Estudo, emprego e sonhos

Luiz Gustavo não concluiu o Ensino Básico, estudou até o primeiro ano do Ensino Médio. Questionado se ele tem planos de voltar a estudar, ele responde: “Posso dizer que não. Planos tem, mas com essa pegada não dá, entendeu”. Quando sugiro que talvez com um emprego melhor, de carteira assinada, ele possa seguir com esses planos, meu interlocutor faz questão de apontar as dificuldades em trabalhar e estudar. “Eu acho que não dá. Tipo, pegando um horário de tarde, mesmo com carteira assinada fica mais complicado para você querer estudar à noite ou você querer estudar de manhã. Do mesmo jeito fica mais puxado”.

Apesar de ter concluído o ensino básico (que compreende educação infantil, ensino fundamental e ensino médio), lury fala sobre os estudos com desinteresse, minimizando o aspecto positivo, de conquista, que isso poderia denotar. Ele diz: “É bom estudar, mas eu não gosto”, e reforça: “É bom, mas eu já terminei os estudos, tá bom”. Parecendo se justificar, ele comenta: “Terminei até o terceiro ano, mas eu não sabia aprender direito não. Fazia muita bagunça”. Analisando esta postura, questiono o que o levaria a não apresentar a conclusão do ensino básico como algo a se orgulhar, ou, no mínimo, digno de nota, de respeito. lury, ao contrário, parece desmerecer essa conquista.

Buscando entender melhor os motivos que o levam a tal opinião, vejamos um pouco sobre a situação geral da educação no município de Seropédica. Um ponto de partida importante é a contradição marcante que a presença da UFRRJ provoca na cidade, uma universidade federal, com ampla oferta de cursos de graduação e de pós-graduação. A presença da universidade deixa o município bem localizado no Índice Municipal de Ciência, Tecnologia e Inovação do estado do Rio de Janeiro (IMCTI)⁵, por exemplo. Ao mesmo tempo, apesar de registrar uma pequena melhora nos últimos anos, a educação básica

⁵ O IMCTI é uma metodologia de um índice que analisa o estágio de desenvolvimento científico dos municípios do estado do Rio de Janeiro, mensurando aspectos científicos, tecnológicos e de inovação. A cidade de Seropédica é a terceira colocada na lista, atrás apenas de Niterói e Itaperuna.

sustenta índices baixos, que Cruz e Bigansolli, em 2011, qualificaram como calamitosa. O trabalho dos pesquisadores levantou dados como a alta taxa de distorção série-idade, causada por repetidas reprovações e por evasão; a taxa de analfabetos completos no município, que chegava à 9% da população; as altas taxas de desistências no ensino médio, entre outros indicadores.

Dados mais recentes apontam uma tímida melhora. Em 2015, o município atingiu a meta no Índice de Desenvolvimento da Educação (Ideb)⁶, porém, continuou abaixo das metas nas pesquisas seguintes, em 2017 e 2019. Atualmente, a nota do município está em 4,9 nos anos iniciais, 4,2 nos anos finais, e 4,1 no Ensino Médio. Tomando alguns dados do Ideb mais recente, de 2019, sobre o Ensino Médio⁷, a taxa de abandono em Seropédica foi de 4,7% e a taxa de reprovação chegou a 9,32%. Há, ainda, um parâmetro da pesquisa sobre equidade, que aponta os percentuais referentes à quantidade de alunos com aprendizado adequado. Apenas 38% dos estudantes seropedicenses no Ensino Médio apresentaram aprendizado adequado sobre português, e 8% dos alunos demonstraram conhecimento adequado para sua série sobre matemática. Os números diminuem quando se observa estudantes que possuem baixo nível socioeconômico: 23% apresentaram aprendizado adequado sobre português e apenas 2% sobre matemática. Há, ainda, o recorte racial: 25% dos estudantes pretos apresentaram aprendizado adequado sobre português, e 3% sobre matemática.

Estes dados genéricos dizem pouco sobre a condição específica de cada estudante, mas contextualizam o tipo de educação na qual Iury e Luiz Gustavo estiveram incluídos durante sua vida escolar. Retomando a fala de Iury, ele afirma que terminou o terceiro ano, “mas não sabia aprender direito” e justifica isso com uma postura individual “fazia muita bagunça”. Talvez a “bagunça” pudesse até atrapalhar os processos de aprendizagem, porém, os dados apontam que não é ele que “não sabia aprender”, mas sim, que há um problema grave no processo de ensino-aprendizagem no município que,

⁶ O Ideb é calculado como a média dos resultados padronizados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) de português e matemática multiplicados pela taxa de aprovação do Censo Escolar. A nota vai de 0 a 10.

⁷ Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/municipio/3305554-seropedica> Acesso em: 5/02/22

possivelmente, não passa apenas pela escola. Como apontam Cruz e Bigansolli,

A realidade [do município de Seropédica] encontrada influi diretamente no comportamento dos jovens da cidade em relação à escola. No dia a dia é perceptível que apesar da convivência escolar ser um refúgio para muitos desses jovens, em uma cidade de poucas opções de lazer e infraestrutura precária, as privações econômicas que atinge grande parte das famílias da cidade interfere diretamente no desenvolvimento escolar, visto que poucos deles ingressam nos cursos oferecidos pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). (CRUZ E BIGANSOLLI, 2011, p.31)

Quando lury diz “eu já terminei os estudos, tá bom”, essa declaração pode apontar, entre vários outros aspectos, para a falta de oportunidades de emprego especializados em Seropédica e na região, que são poucas. No caso de indústrias, há demanda de mão-de-obra na construção civil durante o período em que as instalações ainda estão sendo construídas, mas quando elas iniciam as operações, os postos de trabalho costumam ser assumidos por pessoas mais escolarizadas, oriundas do Rio de Janeiro, por exemplo (Alves, 2020). Há poucas indústrias e empresas de grande porte. A universidade é, talvez, a maior instituição sediada no município, que emprega moradores no setor dos técnicos-administrativos e, principalmente, nas empresas terceirizadas de limpeza e serviços gerais, ou seja, em serviços não especializados. A maior parte dos docentes, por exemplo, não mora em Seropédica.

Assim como a UFRRJ, a Embrapa e a Pesagro são empresas públicas que empregam principalmente mão-de-obra especializada, abrindo espaço para os moradores apenas nos postos de trabalho que não demandam muita especialização. Além disso, a atuação das instituições acontece essencialmente fora do município, que passa por um intenso processo de enfraquecimento do setor agrícola há pelo menos duas décadas (Vianna, 2017).

A grande região no entorno da Via Dutra e do Arco Metropolitano atrai empresas de logística e, também, abriga as poucas indústrias estabelecidas no município. Recentemente, uma das maiores empresas do ramo alimentício do mundo, a BRF, inaugurou uma unidade em Seropédica, justamente na região. A unidade, que será dedicada exclusivamente à produção de salsichas, custou um investimento de R\$300 milhões, com a expectativa de criação de 300 a 400 empregos diretos.

Nas notícias publicadas sobre a inauguração da unidade, a posição estratégica das vias que cortam o município para o recebimento e escoamento da produção é lembrada, assim como a construção moderna e “sustentável” da fábrica, que segue o *Plano de Sustentabilidade da BRF*⁸. Algumas notícias apontam, ainda, a parceria da empresa com a UFRRJ e com a prefeitura em projetos de proteção ambiental. O discurso de responsabilidade ecológica e ênfase na função positiva do uso da tecnologia, como o controle digital de toda a produção, o aumento da eficiência, etc, disfarça uma questão importante que é a qualificação necessária para o trabalho no local. Cerca de 300 a 400 empregos diretos parecem ser números significativos de vagas, mas a empresa anuncia que irá iniciar os trabalhos com a capacidade de produzir 140 toneladas/dia, podendo até dobrá-la. Diante de tamanha produção, 400 postos de trabalho parecem ser uma estrutura bastante enxuta.

Uma das possibilidades de emprego mais comuns para quem mora em Seropédica é trabalhar no Rio, em uma rotina árdua. A viagem pode durar até quatro horas para chegar ao posto de trabalho no centro do Rio ou nos bairros centrais. Além da própria rotina de trabalho, a viagem é desgastante, com ônibus barulhentos, sempre lotados e trânsito constante.

Tendo como parâmetro o contexto de uma cidade que historicamente oferece poucas oportunidades de emprego especializadas, em uma situação agravada pela crise econômica e sanitária que assola o país, é possível compreender que Iury e Luiz Gustavo não percebiam os estudos como algo central.

Observando a maneira como lidam com o futuro de modo geral, Luiz Gustavo não fala sobre sonhos e expectativas, mas poupa dinheiro pensando nas adversidades. Já Iury se abre um pouco mais em nossa entrevista, e conta que gostaria de ser caminhoneiro. Ele aponta, inclusive, uma associação entre a atividade de entregas e o trabalho de um caminhoneiro. “Eu entrei nessa de entrega nesse intuito assim também, porque caminhoneiro entrega, né. De qualquer jeito ele faz uma entrega. Não teria algumas coisas se não fosse o

⁸ Disponível em: https://www.noticiasagricolas.com.br/noticias/granjeiros/295433-brf-inaugura-unidade-em-seropedica-com-investimento-de-r-300-milhoes-no-rj.html#.YSJ8nt9v_IX Acesso em 29/11/2021.

caminhoneiro. Ele tem que trazer suplementos e tal. Eu gosto muito da profissão”.

No entanto, parece ser a visão romântica da profissão atrelada à ideia de viagens e aventura que o emociona:

Nunca viajei de caminhão, mas quero viajar. Eu gosto de caminhão, gosto de conhecer lugares novos. Caminhoneiro conhece, pô, ele sai do Rio de Janeiro, vai para São Paulo, vai para outros lugares no Brasil. Eu acho isso maneiro. Acho isso legal. Aí, meu intuito de virar entregador é, tipo assim, aprender um pouco e seguir carreira mais para frente. (Relato de Iury)

Iury também já desejou seguir a carreira militar. A intenção dele era servir no alistamento obrigatório e após esse período, que pode variar entre nove meses e um ano, engajar-se⁹ na instituição. No entanto, suas expectativas foram frustradas quando ele não foi selecionado para o serviço obrigatório. “Eu não fui para o quartel, aí desanimei. Já tinha mil planos, vou servir, vou estudando, vou engajar e vou ficar forte lá dentro. Aí quando falaram assim, ‘você não vai’, eu falei ‘ah, então deixa’. Aí desisti”.

Iury desistiu da possibilidade de entrar para as Forças Armadas, mas o desejo pela carreira militar permaneceu:

Iury: Mas um tempo atrás, ano passado, acho que no início do ano passado, eu comecei a ter admiração pela Polícia Militar também. Tenho parentes que são Policial Militar e tal. É complicado? É, mas, me deu vontade de fazer um concurso para entrar...

Pollyana: Desistiu também? Por quê?

Iury: É. Talvez sim. Não sei por que eu desisti. Acho que só, acho que fiquei acomodado. (risos) Fiquei acomodado aí.

O alistamento militar é uma opção principalmente para os jovens de origem pobre que não ingressaram na faculdade. A questão de classe, expressa na ausência de jovens de camadas mais abastadas, já foi, inclusive, alvo de política pública. Em 2008, o então comandante militar da Amazônia, general Augusto Heleno Pereira, declarou que a incorporação de ricos ao serviço militar obrigatório causava problemas. “Já tentamos incorporar gente de classe média alta nas décadas de 1980 e 1990, mas foram os anos em que tivemos mais problemas disciplinares. Atualmente, o Exército só incorpora a classe média

⁹ Engajar é o termo utilizado para se referir àqueles que permaneceram voluntariamente nas Forças Armadas após a prestação do serviço militar obrigatório.

baixa e o pobre, dificilmente tem rico”, afirmou Heleno¹⁰. Na época, o governo buscava uma forma de distribuir as vagas em faixas sociais e localidades geográficas mais diversas.

O alistamento, para os jovens pobres, com poucas possibilidades de buscar uma profissão com salários justos, significa, também, status social e a possibilidade de uma carreira estável.

¹⁰ A declaração foi publicada pela *Revista IstoÉ*, em 24/12/08. Texto acessado em 28/01/2022. Disponível em https://istoe.com.br/483_QUEM+SAO+OS+RECRUTAS/

CAPÍTULO 2 - MULHER, ENTREGADORA E UNIVERSITÁRIA: A TRAJETÓRIA DE RAYNA

Dois motivos me levaram a procurar mulheres trabalhando com entregas: a tentativa de ampliar as histórias e trajetórias de entregadores de Seropédica e o questionamento do porquê esta atividade parece ser exercida quase que exclusivamente por homens. Tomando minha experiência particular e limitada, mas ao mesmo tempo frequente e diversa, de uso dos serviços de entregas nesta cidade, nunca recebi alimentos ou bebidas entregues por uma mulher e foi difícil contactar uma na atividade. Perguntei a Iury e Luiz Gustavo durante as entrevistas se tinham conhecido uma colega entregadora mulher, perguntei aos amigos se já haviam recebido algum pedido de uma entregadora mulher, perguntei sobre a presença de eventuais trabalhadoras mulheres em estabelecimentos que frequento, etc. O encontro com Rayna foi por acaso. Um dia, conversando com dois amigos na esquina da rua em que moro, ela passou de moto com uma mochila de entregas, buzinou, e parou para falar com um deles. Ela e meu amigo moraram no mesmo bairro no Rio de Janeiro e o pai dela é um amigo próximo do meu amigo. Rapidamente falei da minha pesquisa, do meu interesse em entrevistá-la e pedi seu contato.

Rayna é uma mulher de 30 anos, nascida e criada na Zona Oeste do Rio de Janeiro, e que está morando em Seropédica para cursar Zootecnia na UFRRJ. Antes disso, ela se formou no curso técnico em Administração pela FAETEC¹¹, iniciou e não concluiu a graduação na mesma área em uma universidade privada. Ela trabalha desde os 15 anos e já passou por diversas atividades como atendente no McDonald's e funcionária no setor administrativo da Embratel.

Aqui, a trajetória de Rayna é compreendida a partir de sua singularidade, mas numa comparação com as trajetórias de Luiz Gustavo e Iury. A entrevista com ela apontou para uma relação com o trabalho de entregas quase antitética se comparada à dos outros dois entregadores. Além de ser uma das raras mulheres nesta atividade, ela veio para Seropédica por causa da

¹¹ A Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC) é uma instituição de educação básica, superior e técnica pública vinculada ao governo do Estado do Rio

universidade, ou seja, ela não é *minhoca*¹² e, portanto, ocupa um lugar social distinto do de Iury e de Luiz Gustavo. E mais um aspecto interessante é o fato de Rayna perceber o trabalho de entregas como algo construtivo, importante para o seu bem-estar psicológico, mesmo que, para ela, seja considerado um trabalho passageiro.

Neste capítulo, a trajetória de Rayna será objeto de análise considerando diferentes aspectos: 1) Tomando a perspectiva apresentada por Bourdieu de que o trabalho, em sua dupla verdade, oferece ganhos subjetivos para além das questões materiais; 2) A partir do impacto que a universidade e, principalmente, os universitários provocam na organização da cidade de Seropédica; e 3) Tendo como ponto central como as questões de gênero se constituem na atividade de entregas, neste contexto específico.

2.1 - O trabalho para além dos ganhos materiais

Quando iniciou os estudos na UFRRJ, Rayna já tinha independência financeira, mas precisou deixar o emprego e contar com a ajuda da família. Enquanto buscava novas formas de se sustentar, morou no alojamento da universidade e quando conseguiu uma bolsa de apoio técnico se mudou para o Km 49¹³, em Seropédica. Com o objetivo de facilitar a vida cotidiana na universidade que tem um dos maiores campus do país, e também para se proteger nos casos de assédio e estupro¹⁴, ela ganhou do pai a inclusão de moto na sua carteira de motorista e também uma motocicleta.

E aí meu pai falou, 'se você tiver interesse, a gente pode ver de incluir [a modalidade para moto na carteira de motorista], e a gente vê de comprar uma moto baratinha pra você ficar só rodando, pra lá e pra cá'. Eu já tinha bicicleta, mas bicicleta não tem tanta independência nesse quesito do perigo, né. Apesar da moto também ser perigoso, ser roubada, e tal. Mas assim, numa

¹² Minhoca é um termo utilizado, principalmente por estudantes, para se referir às pessoas que originalmente são moradores de Seropédica, e que não teriam vindo para a cidade por conta da universidade. "Minhoca" porque eles seriam "da terra".

¹³ Como será melhor apresentado mais à frente no capítulo, o Km 49 compreende os bairros Boa Esperança e Fazenda Caxias e é a região da cidade mais próxima da universidade. Por esta característica, abriga um grande número de repúblicas estudantis.

¹⁴ A partir de 2013-2014 as denúncias de estupro e assédio passaram fazer parte do cotidiano da universidade. O assunto ganhou notoriedade e virou notícia nos grandes veículos de comunicação.

fuga você não está tão vulnerável do que você ir andando ou de bicicleta.

Ela contava com o dinheiro da bolsa de apoio técnico, mas no início da pandemia sua bolsa foi cortada. Diante da dificuldade financeira, do fato de já possuir uma motocicleta e de gostar de andar de moto, ela passou a cogitar o trabalho como entregadora. Rayna conta que fazia tratamento psicológico para ansiedade e a pandemia desencadeou crises complicadas. A situação ficou mais difícil porque ela também precisou cancelar seu plano de saúde por questões financeiras.

Quando começou a pandemia, veio essa insegurança, eu fiquei muito mal. E aí eu fui morar com os meus pais durante um ano, lá em Saguarema. Essa moto ficou aqui e eu fui pra lá. Mas lá não estava me ajudando muito, então eu resolvi voltar. Voltei, consegui fazer um tratamento pelo CAPS, de graça, e, graças a Deus, me ajudou muito. [...] E aí, numa dessas, de ver novos caminhos mesmo, acabei descobrindo isso com a minha terapeuta, sobre ver novos caminhos, novas opções, que aí teve essa questão financeira, da bolsa acabar. Então assim, eu fiquei muito enrolada. E aí eu resolvi unir o útil ao agradável. Para mim foi exatamente isso, unir o útil ao agradável. A moto está aqui, está parada, eu não estou tendo aula, nunca trabalhei de entregadora, mas vamos lá. Vamos ver no que vai dar. É só me dar uma oportunidade que eu estou indo

Ela conta que, quando procurava os estabelecimentos, que não se candidatava especificamente para a atividade de entregas. “Nos lugares que eu tentava algum *freelancer* e tal, eu não falava que era só de entregadora, eu falava, ‘se você tiver cozinha, limpar o chão, eu quero fazer, eu estou disposta, só me dar uma oportunidade’”. No entanto, foram muitas negativas.

Quando Rayna conseguiu uma vaga, foi em um ambiente gerido por mulheres e que, de acordo com ela, são compreensivas com suas demandas. “As meninas”, como ela chama as chefes, são flexíveis em relação à presença dela no estabelecimento: permitem que ela fique em casa até que o primeiro pedido de entregas seja feito, e, também, não se importam se ela permanecer em casa (que é próxima ao local) entre uma entrega e outra. Em mais uma atitude compreensiva das chefes, Rayna conta que, para continuar a terapia, o único horário disponível que tinha ultrapassava o seu horário de entrada no trabalho de entregas.

Aí eu conversei com as meninas e falei ‘pô, será que tem como, além de eu entrar 18h, eu posso entrar um pouquinho depois,

18h30? Porque eu não quero deixar de fazer [terapia]'. Elas: 'não, com certeza, sua consulta primeiro. Quando você acabar a consulta, se atrasar, se acabar às 19h, você me manda uma mensagem, quando você mandar mensagem, eu abro'. Então, assim, elas são maravilhosas.

O reconhecimento positivo de Rayna em relação ao trabalho também aparece em outro momento, quando ela responde sobre o que acha do trabalho de entregas:

É porque agora eu falando e tal, você não tem noção de como eu estava antes. Eu estava muito mal. Então essa coisa de eu poder me sentir útil com alguma coisa nesse momento, de eu poder ver uma saída..., tanto é porque o que gera essa coisa, esse problema emocional, psicológico, não sei, em quem tem ansiedade, muitos fatores que você engloba tudo e você fica ali naquele turbilhão. Então, assim, pra mim, no momento, eu não sei se a sua pergunta é no momento ou se é trabalho em si, é... foi muito importante, tanto para eu organizar minhas finanças, tanto pra ver que eu não estava tão sem saída como eu achava que eu estava. Eu poderia, se eu abrisse meus horizontes, eu poderia ter outras saídas, como eu achei essa coisa de entregar. Eu nunca me imaginei entregando, eu nunca me imaginei trabalhando com entrega, pelo que eu falei, não conhecia nada, não conhecia nada, não achei que eu fosse saber, não achei que eu fosse conseguir, achei que eu fosse desistir. Fiquei muito cansada no início porque eu não estava acostumada, a velha, né, dormir tarde e chegar meia-noite e pouca. E, bem ou mal, quando era no início eu ficava preocupada, né, aquela coisa de 'porra, a pessoa está colocando uma confiança em mim, eu vou dar conta e aí como que vai ser'. Então, ver que tudo deu certo, ver que de fato eu consegui achar um caminho ali foi muito legal, muito, muito importante pra mim. Eu falo isso pra elas todo dia, 'gente, vocês me ajudaram, vocês não têm noção do quanto vocês me ajudaram'. O ambiente, o trabalho, em si, e é isso, né, acho que estar em movimento de alguma forma. Pra mim, me fez muito bem, então pra mim foi bem legal, foi bem interessante.

A ideia de o trabalho contribuir para "se sentir útil" ou, mais diretamente, contribuir para a sua saúde psicológica, aponta para uma relação que vai além dos ganhos financeiros.

Em *A dupla verdade do trabalho*, Bourdieu (1997) afirma que é preciso compreender o trabalho assalariado a partir de sua dupla verdade: a verdade objetiva do trabalho, atrelado à sua condição intimamente associada à exploração, e a verdade subjetiva do trabalho, vinculada aos ganhos intrínsecos ao trabalho para além do dinheiro. Ele explica que o investimento no trabalho, a dedicação ao trabalho, está atrelada ao desconhecimento da sua verdade

objetiva. Não conhecer esta verdade é que torna viável a ideia de um ganho inerente no trabalho para além do monetário. Esta lógica é essencial para a manutenção da própria condição de exploração.

De acordo com o autor, a experiência do trabalho está situada entre o trabalho forçado, determinado pela coerção externa, e o trabalho escolástico, que tem como exemplo máximo a atividade do artista e do escritor. Sob esta lógica, quanto mais o trabalho se aproxima da atividade do artista, mais associado ele está a ganhos simbólicos e menos ele está relacionado ao dinheiro. A perda do emprego acarreta, então, uma mutilação simbólica, já que significa tanto a perda do salário quanto a desassociação ao mundo do trabalho. Sob esta perspectiva, é possível analisar o outro lado da fala de Rayna, que diz se sentir útil trabalhando. Ao afirmar isso ela corrobora com a ideia de que a ausência de emprego, ou de alguma atividade produtiva, a deixava se sentindo inútil. A ausência de atividade produtiva (no sentido monetário) aparece, assim, como uma mutilação simbólica.

Bourdieu também aponta que, mesmo no trabalho coercitivo, são concedidas “liberdades” aos trabalhadores, liberdades ínfimas, funcionais, constitutivas do espaço profissional, e quase sempre advém da diferença entre operários especializados, imigrados, jovens e mulheres. Essas liberdades, ele exemplifica, podem ser a indefinição sobre tarefas a serem cumpridas, a possibilidade de se deslocar ou de fumar um cigarro durante o trabalho. Elas existem porque, de acordo com o autor, em situações de trabalho constrangedoras, como em linha de montagem, o investimento no trabalho acontece na medida inversa da coerção externa. Elas permitem a possibilidade do não-trabalho ou até mesmo da sabotagem, mas também abrem espaço para a auto exploração. Como elas são concedidas como uma conquista ou um privilégio, elas podem mascarar a coerção. “As ninharias a que se atêm as pessoas acaba por fazer esquecer todo o resto” (Bourdieu, 1997, p. 249).

O fato de Rayna ficar em casa enquanto não há entregas a serem feitas, não interfere na rotina de trabalho geral do estabelecimento. Analisando a situação de outro ponto de vista, a presença ininterrupta dela no local, não contribuiria para nada, já que ela é a entregadora, não trabalha com vendas no local ou algo do tipo. As chefes permitirem isso parece a concessão de uma liberdade que, na verdade, é constitutiva do trabalho específico de entregas. No

entanto, diante da permissão das chefes para ficar em casa, ela compreende isso como um ganho, e eleva a consideração que nutre por elas. “Então, assim, elas são maravilhosas”, ela diz.

A concessão destas liberdades pelos dominantes, de acordo com Bourdieu, pode se apoiar no princípio dos grilhões de Sócrates, ou seja, alternar entre reforçar o constrangimento e a coerção, e relaxar parcialmente para que a situação de relaxamento, de volta a um estado anterior, seja percebida como um “mal menor”. Essa liberdade de jogo assegurada pelos agentes, pode contribuir para a própria exploração. Segundo o autor, a concessão de liberdades como a de organizar seu trabalho, de cuidar do seu tempo, e assim controlar as suas ferramentas de lucro, contribuem para o aumento do bem-estar do trabalho e, também, para o deslocamento do interesse pelo ganho externo do trabalho (o salário) para o ganho intrínseco. Na lógica da “administração participativa” isso pode ser compreendido como um esforço para diminuir as possibilidades de ambiguidade no trabalho, e assim favorecer as estratégias patronais.

Os trabalhadores, quando se apropriam de seu trabalho intermediados por estas liberdades, estariam se aproximando da verdade subjetiva do trabalho e se afastando da verdade objetiva. Esta também é uma possibilidade na medida em que o trabalhador tem domínio sobre seu trabalho, como os artesãos que trabalham por empreitada e os camponeses tarefeiros. Nestes casos, a exploração pode assumir a forma de auto exploração, especialmente quando o espaço de trabalho funciona como espaço de concorrência.

Mais um aspecto interessante a se notar sobre Rayna é que sua relação com o trabalho de entregas não esgota sua relação com o mundo trabalho. Ela é estudante de Zootecnia da UFRRJ e percebe o trabalho de entregas como algo passageiro. Diz que este é um *freelancer*, uma forma de se sustentar enquanto conclui os estudos e tenta obter um emprego na sua área de formação. Por outro lado, quando conta sobre sua área de formação, ela demonstra certeza, foco e dedicação. “Então elas [as chefes] sabem, desde o início eu falei que meu objetivo é a faculdade, eu tenho a minha formação, eu tenho meu curso, eu tenho o que eu quero seguir. E ali é um *freelancer* mesmo para mim”.

Ela atua no setor de suinocultura desde o início da graduação, onde conseguiu a primeira bolsa de apoio técnico e, no momento da entrevista, havia conseguido uma bolsa de Iniciação Científica (IC) no mesmo setor. A intenção dela era fazer o Trabalho de Conclusão de Curso baseado em sua pesquisa de IC. Ela pensa, inclusive, na possibilidade de mudar de cidade em busca de oportunidades na área: “E eu não sei, a minha profissão eu acho que não consigo ficar em Seropédica, não consigo ficar nem no Rio. Trabalhar com suínos você vai para Santa Catarina. Então, como eu quero trabalhar com isso, eu espero que eu vá para lá”.

No momento da entrevista, Rayna dividia seus horários entre trabalhar com as entregas, assistir aulas da graduação e cumprir as horas de Iniciação Científica no Setor de Suinocultura. Porém, enquanto as aulas e o trabalho de entregas possuem horários fixos, a dedicação de Rayna ao Setor de Suinocultura parece ser integral. Ela narra situações em que precisou “passar no setor”, apressada para alimentar os animais e, também, de precisar ir ao local após o horário de trabalho de entregas.

Na sexta-feira passada, se não me engano, eu tive que sair do Alho's [às] 23h30 e eu fui para o Setor porque a porca estava parindo, e eu tive que ficar lá, fazer os cuidados e enfim. Larissa¹⁵ foi lá, tadinha, eu tacho ela em tudo, foi lá me ajudar, cuidar dos leitõezinhos, tinha que secar, fazer as coisas. Cheguei em casa 1h da manhã, foi complicado.

Mais um aspecto relevante de se notar, apontado por Bourdieu, é que a propensão do trabalhador para desconhecer a verdade objetiva do trabalho está relacionada às expectativas coletivas inscritas no cargo que ele ocupa. Dessa forma, o que é mais “subjetivo” e “pessoal” na aparência precisa ser analisado levando em consideração representações dos agentes envolvidos.

2.2 - A universidade e os universitários na cidade

Como foi dito antes, Rayna é uma estudante universitária morando em Seropédica por conta da UFRRJ. A presença da universidade e, principalmente,

¹⁵ Larissa é a namorada de Rayna, com quem ela também divide a casa em que mora em Seropédica.

dos estudantes na cidade provocam impactos culturais, econômicos e um deles é a diferenciação entre “estudantes” e “moradores”. Antes de adentrar na relação particular de Rayna com o município e nesta diferenciação, farei uma breve apresentação da cidade.

Seropédica é um município da Baixada Fluminense que, em 2020, contava com uma população estimada em 83.092 habitantes, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A cidade registra baixos índices de desenvolvimento social e humano e, também, sustenta um alto índice de desemprego e violência. O município possui, em seu território, o campus principal da UFRRJ, que proporciona um tipo de relação social e econômica particular. Além disso, o mapa da cidade forma uma grande encruzilhada rododiferroviária, na qual passam a Rodovia Presidente Dutra, o Arco Metropolitano, a linha férrea da MRS¹⁶ e a BR 465, antiga estrada Rio-São Paulo.

O município se desenvolveu no entorno da BR 465, e é próximo desta pista que estão os bairros mais “desenvolvidos”, onde se concentram os serviços públicos e onde está a maior variedade de comércios e serviços. Considerando isso, esta breve apresentação da cidade segue o “itinerário” da BR 465, em uma “viagem” no sentido Rio-Seropédica por esta via.

Nesta direção, politicamente o município de Seropédica começa após a passagem pela ponte sobre o Rio Guandú - ponte esta que é alvo frequente de denúncias sobre o descaso que sofre, já que está sem manutenção ou cuidados estruturais há muito tempo. Em uma passagem mais lenta e uma observação mais atenta é possível notar pescadores trabalhando na beira do rio, evidenciando a presença de um tipo de atividade rudimentar. Na sequência, há uma oferta de comércios característicos de beira de estrada, como mecânicas, borracharias, restaurantes e motéis. Em determinado momento, os bairros Jardins e Parque Jacimar, região conhecida como Km 40, Km 41 e Km 42, se sobrepõem sobre a paisagem. O trânsito de pedestres é maior, é possível ver escolas, uma variedade maior de comércios, lotéricas, etc. Em todo o percurso,

¹⁶ MRS Logística S/A é a concessionária que opera a chamada Malha Regional Sudeste. A empresa pertence ao grupo liderado pela Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e possui o direito de operar o trecho desde 1996, quando a malha férrea gerida pela antiga Rede Ferroviária Federal S/A (RFFSA) foi privatizada.

mesmo as maiores construções, como igrejas e escolas, são simples, possuem dois ou três andares, no máximo. Visualmente, as construções formam um conjunto desordenado e rudimentar.

Seguindo viagem, ao passar pela entrada da Rodovia Prefeito Abeilard Goulart de Souza, conhecida como Reta de Piranema, o espaço se modifica. As construções e pessoas parecem desaparecer. Após um trecho com eucaliptos ordenadamente plantados, a paisagem se torna rural, mas sem plantações, apenas árida e com poucas árvores. Há poucos anos foram construídos uma unidade do Corpo de Bombeiros e um hospital maternidade e uma Unidade de Pronto Atendimento no trecho. A planície, com poucas modificações, segue até que as construções da UFRRJ começam a aparecer. Para quem nunca passou por ali antes, a surpresa é quase inevitável. Os prédios de arquitetura neocolonial foram construídos nos anos 1940, e expressam bem o movimento, que “propõe uma arquitetura de cunho nacional cujas raízes remontam ao Brasil colônia”¹⁷. Os prédios são imponentes, separados por longas faixas de terra e poucas árvores. O espaçamento entre eles parece denotar uma ostentação fundiária que condiz com os prédios e com a história da instituição. O contraste com a paisagem vista até então (e, também com a que está na sequência), dos bairros pobres e desordenados, é evidente. Visualmente, a UFRRJ parece uma realidade paralela, deslocada no tempo e no espaço.

Dois quilômetros após o trecho com os prédios da universidade, chega-se aos bairros Fazenda Caxias (lado esquerdo da pista nesta direção) e Boa Esperança (lado direito), que são divididos pela BR 465. A região é conhecida como Km 49 e é onde estão a Prefeitura, a Câmara de Vereadores, os principais serviços públicos e a maior variedade de comércio e serviços da cidade. A região do Km 49 é a principal área marcada pela presença da UFRRJ, dos estudantes e da vida universitária de modo geral. Por ser a região mais próxima da universidade, o Km 49 abriga um grande número de repúblicas estudantis e construções imobiliárias voltadas especificamente para os estudantes universitários. Historicamente a relação da cidade com a universidade é deficiente e ineficaz, o que provoca a diferenciação pejorativa entre estudantes

¹⁷ Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3809/neocolonial> Acesso em 5 de dezembro de 2021

e moradores. Essa diferenciação aparece, por exemplo, em anúncios de casas para alugar com a especificação “apenas para estudantes”, e, também, na apropriação de estabelecimentos, de locais públicos, que são vistos como “de estudantes” ou “de moradores”.

Seguindo viagem pela BR 465, quando a aglomeração urbana do Km 49 termina, ao invés da paisagem rural, em um dos lados da pista há a Floresta Nacional Mário Xavier até que a via é, literalmente, atravessada pelo Arco Metropolitano, que passa sobre a BR em um viaduto. O trecho do Arco Metropolitano que passa por Seropédica foi inaugurado em 2014, e caracterizou, de uma vez por todas, a cidade como este grande entroncamento rodoferroviário, apontando na direção de transformar o município em um “imenso porto seco” (Alves, 2020):

Grandes empresas de logística estavam comprando dezenas de propriedades, na sua maioria de pequenos produtores agrícolas, que haviam sobrevivido e que, sem qualquer apoio de nenhuma instituição: Prefeitura, UFRRJ, etc., se viam pressionados a vender seus sítios para o empilhamento de contêineres e estacionamento de caminhões, já que o município se transformou num entroncamento rodo-ferroviário formado pela Rodovia Presidente Dutra, a BR 465 (antiga estrada Rio-São Paulo), o Arco Metropolitano e a linha férrea da MRS. (ALVES, 2020)

Na sequência, mais um trecho de paisagem rural e, depois, alguns comércios e ruas apresentam a entrada do bairro de Santa Sofia, região conhecida como Km 54. Uma praça de pedágio marca o fim da BR 465 (na verdade o início, já que a atual quilometragem da pista se inicia ali). Após o pedágio, já estamos na Via Dutra, que segue por um trecho curto até um entroncamento em que, à direita da via, está a estrada RJ-127, que conecta a Via Dutra à cidade de Paracambi.

A antiga estrada Rio-São Paulo foi inaugurada em 1928 e foi, por muitos anos, a principal conexão entre as duas maiores cidades do país. Assim como Seropédica, o desenvolvimento de uma série de municípios foi potencializado pela passagem da rodovia. No entanto, com o crescimento das duas cidades e o aumento do volume de veículos circulando entre Rio de Janeiro (a então capital) e São Paulo (que já se mostrava como a cidade economicamente mais importante do país), nos anos 1940 uma nova conexão começou a ser planejada.

Em 1951, a Rodovia Presidente Dutra foi inaugurada, apresentando um novo trajeto que incorporava alguns trechos e abandonava outros. A rodovia mais importante do país continua atravessando a Baixada Fluminense, mas a BR-465, que passa por Seropédica, foi um dos trechos abandonados. Apesar de a rodovia Dutra também atravessar Seropédica, ela se conecta muito pouco com a vida cotidiana da população da cidade. Mesmo sendo a via mais rápida de acesso à região central do Rio e a conexão mais direta com os outros municípios da Baixada, nenhuma linha de ônibus faz o trajeto. Aliás, o escasso transporte público na cidade é uma das maiores dificuldades enfrentadas pela população.

É pela BR-465 que passam as poucas linhas de ônibus que ligam Seropédica aos municípios vizinhos. Há uma linha para Itaguaí, uma linha para Paracambi, cidades vizinhas com melhor oferta de comércio e serviços; uma linha para Nilópolis que é a única ligação com o restante da Baixada; e três linhas que conectam Seropédica ao Rio de Janeiro: uma para Campo Grande, uma para a estação de metrô Coelho Neto e outra para a estação Central do Brasil. Seropédica é caracterizada por ser uma cidade dormitório e é por estas linhas que diariamente uma grande quantidade de trabalhadores chega aos seus postos de trabalho na Capital do estado.

Voltando ao Km 49, como já foi citado, é nesta região mais próxima da universidade que se concentra a vida universitária. A presença da universidade na cidade é um marco importante e que ultrapassa as questões educacionais, penetrando aspectos econômicos, culturais e políticos. Convivendo na universidade e na cidade é comum ouvir relatos de moradores que pensam que a universidade é paga, acreditando que não poderiam sequer entrar nos espaços da instituição. Durante a graduação, colegas que cursavam licenciaturas e estagiaram em escolas do município relataram que, mesmo no ambiente escolar, entre os jovens, esse tipo de pensamento é comum. Nos debates políticos dentro da universidade, desde o movimento estudantil às discussões entre chapas que disputam a reitoria da instituição, muito se fala da escassez de projetos de extensão e de um “muro” que separaria a Rural de Seropédica.

No entanto, o “muro” que separaria a cidade da universidade funciona apenas para isolar o ambiente universitário. Mesmo para um morador que

aparentemente não se relacione diretamente com a UFRRJ é provável que o que acontece na universidade impacte a sua vida. Essa realidade fica evidente em momentos de greve, quando o calendário universitário fica descompassado com o esperado ou, ainda, em uma situação extrema como a pandemia. Recentemente, o retorno das aulas estava previsto para acontecer em 31 de janeiro, mas diante do aumento no número de casos de COVID causados pela variante Ômicron, a volta das atividades presenciais passou a ficar em aberto. A universidade demorou para se posicionar sobre o assunto e, neste intervalo de dúvidas, eu fui questionada por entregadores, pela moça que trabalha no caixa da padaria e pela professora de natação se a Rural iria mesmo voltar.

Este interesse não é apenas curiosidade. O retorno das aulas significa um aumento expressivo na quantidade de pessoas circulando na cidade. A presença dos estudantes aumenta o fluxo em estabelecimentos comerciais e nos transportes, e também impacta o mercado imobiliário da cidade. Há uma grande oferta de quitinetes para alugar, desde anúncios de condomínios inteiros “apenas para estudantes” às casas comuns - há moradores que constroem uma pequena casa ou *kitnet* nos fundos para alugar para estudantes. Durante a pandemia, os valores dos aluguéis diminuíram, já que a procura havia diminuído consideravelmente, de forma que o retorno das aulas poderá significar, portanto, um novo aumento. A rotina de festas também movimenta um mercado específico de transporte e alimentação noturnos.

Há pouca inserção da universidade nas questões da cidade. Os projetos de extensão são raros, a relação da gestão da universidade com a gestão da cidade é permeada por disputas políticas e problemas burocráticos¹⁸, os projetos de pesquisa ocasionalmente têm a cidade como foco de interesse. Por outro lado, os estudantes vivem na cidade e as diferenças, às vezes choques culturais, aparecem de inúmeras formas. Seja por questões econômicas ou culturais, os moradores do município mantêm contato com a universidade quase exclusivamente por meio dos estudantes, e não por meio da instituição.

¹⁸ Um exemplo desta relação conturbada é a gestão do Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC) Paulo Paulo Dacorso Filho, uma instituição de ensino infantil criada no início dos anos 1990, com uma proposta similar com a dos CIEPs. O projeto foi viabilizado por meio de um convênio entre os governos federal representado pela UFRRJ, estadual e municipal, porém, as disputas políticas e impasses burocráticos ameaçam, constantemente, a continuidade do projeto.

Os estudantes, por sua vez, lidam com a cidade como um local de passagem. Eles vivem na cidade, mas percebem a estadia no município apenas enquanto estão vinculados à universidade. Esse é um tipo de relação que Rayna parece conhecer e lidar da sua maneira:

Mas você cria uma vida. Eu sempre fico com isso na cabeça: eu moro em Seropédica? Sim, no momento eu moro em Seropédica, mas não, eu não moro em Seropédica. A antiga casa dos meus pais, que a minha irmã mora lá, é no Rio, então tipo, teoricamente, eu moro no Rio. Se eu tiver que sair daqui vou ter que ir morar no Rio porque aqui é uma... eu sempre falo com a La, que é minha namorada, aqui a gente mora juntas, mas se tiver algum problema, tipo agora eu estava com esse programa financeiro e no ruim, no ruim, eu não ia conseguir ficar aqui, eu ia ter que sair. *Então é como se aqui, por incrível que pareça, fosse uma segunda opção.* Eu não sei, né. Geralmente a gente tem essa coisa, 'ah, você pode voltar para a casa dos seus pais', mas assim, pra mim nem tem tanto essa questão porque meus pais nem moram mais lá. Mas a casa está lá. Então assim, se eu quisesse, eu poderia estar lá, não estar pagando aluguel aqui, e estar lá. Mas aí, eu ia ter que vir para Seropédica para mover as minhas coisas, meus projetos. Então, eu prefiro ficar aqui. Então, a gente acaba ficando pensando nessa coisa.

Rayna percebe tanto a estadia na cidade quanto a atividade de entregas como algo passageiro, e um dos motivos para esta relação é o fato de ela estar no caminho de uma formação especializada. Esses dois fatos somados podem indicar que a relação positiva dela com o trabalho de entregas pode estar relacionada justamente com o fato de ser algo passageiro, que não está atrelado à sua valoração pessoal.

A diferenciação entre estudantes e moradores possui um fator econômico. Seropédica é um município pobre e as universidades públicas, no Brasil, historicamente recebem estudantes oriundos de classes mais abastadas. As políticas de expansão do ensino superior público durante governos petistas alteraram um pouco o cenário. A V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos das Instituições Federais de Ensino Superior, realizada em 2018 pelo Fórum Nacional dos Pró-Reitores de Assuntos Estudantis da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Fonaprace/Andifes) mostrou que, na UFRRJ, por exemplo, 78% dos estudantes possuem renda familiar mensal per capita de até 1,5 salário mínimo. A crise econômica e sanitária que se abateu sobre o país pode indicar

uma mudança neste cenário, mas trata-se de mudanças ainda muito recentes e difíceis de analisar.

Apesar de relevante, o fator econômico não parece ser o mais importante na distinção entre estudantes e moradores. As posições simbólicas que cada grupo ocupa e os recursos utilizados para construir essa diferença passam por estratégias para além da questão econômica. A “economia de bens simbólicos” que diferencia estudantes da UFRRJ de moradores de Seropédica inclui idade: para ser lido como estudante, é preciso aparentar ser jovem, a partir dos 17 anos e no máximo próximo de 30 anos; modos de se vestir: este talvez seja um dos aspectos mais importantes, já que os universitários seriam aqueles que se vestem de modo despojado e bastante característico, além de utilizarem fortemente expressões de estilo para além da roupa, como cabelo, barba para homens, tatuagens e *piercings*; o local e a maneira como se vive também é um fator importante, os estudantes morar principalmente próximos da pista, sozinhos ou juntamente com outros jovens da mesma idade.

Por conta do racismo estrutural presente na sociedade brasileira, na qual uma parcela muito pequena de pessoas negras ingressa na universidade, a cor da pele também parece ser um fator relevante. No entanto, além de ter crescido muito por conta das políticas de expansão do ensino superior, a UFRRJ está incluída na Baixada Fluminense e passou a receber cada vez mais estudantes oriundos das cidades do entorno, uma população majoritariamente negra. Além disso, também a implementação de cotas raciais e sociais antes mesmo da obrigação jurídica para isso, forjaram um público universitário formado por uma parcela considerável de pessoas negras.

Como afirma Bourdieu, a distinção é uma estratégia de diferenciação que, estando no centro da vida social, hierarquiza indivíduos e grupos e agrega estratégias presentes nas práticas sociais. Na construção da diferença em relação ao outro, em Seropédica, a diferenciação entre “morador” e “estudante” coloca os estudantes e tudo que envolve a vida universitária em uma posição hierárquica específica. O Espaço Cultural Casarão, por exemplo, local onde ocorreram as entrevistas com lury, Luiz Gustavo e Rayna, é um dos espaços lidos como “de estudantes”. Antes da entrevista, lury contou que nunca havia entrado no local, mesmo estando situado a apenas algumas quadras de distância da sua casa e recebendo um público jovem, com eventos como festas

e feiras. A fala dele indica essa diferenciação de espaços pela qual Rayna, por exemplo, não parece ser afetada. Além de eu a ter conhecido por intermédio justamente de um dos coordenadores do Espaço, ela contou, por exemplo, conhecer a livraria que funciona dentro do Casarão, mas que antes existia em outro local.

2.3 - Gênero no trabalho de entregas em Seropédica

Pelo que pude constatar em minhas observações, o trabalho de entregas em Seropédica parece ser uma atividade exercida majoritariamente por homens. Esta observação é reforçada por pesquisas sobre *motoboys*, como as feitas por Moraes *et al* (2015) e Silva (2010). A ausência de mulheres entregadoras provoca o questionamento sobre os motivos desse marcador ser tão preponderante. Na trajetória de Rayna, as questões específicas que envolvem o fato de ela ser uma mulher aparecem de inúmeras maneiras. Entre ela, Iury e Luiz Gustavo, Rayna é a que recebe a diária de menor valor. Também é a única que encontrou dificuldades para conseguir um trabalho como entregadora. É o fato de ser mulher que a fez buscar alguma forma de se proteger de assaltos e tentativas de estupros comprando uma moto.

Ela conta que teve dificuldades para conseguir o trabalho e deixa em suspenso a possibilidade de que isso tenha acontecido pelo fato de ela ser mulher:

Eu não sei, a gente não pode ficar julgando demais, mas já era um não assim bem de cara, sabe. Foram poucos os lugares que falaram 'vamos ver, vamos tentar alguma coisa e tal'. Acho que teve um ou dois que falaram 'vamos tentar, de repente posso chamar numa situação que esteja muito cheio, vamos ver como vai ser, e tal'. Mas assim, ninguém me retornou, ninguém.

Quando finalmente foi contratada, ela conseguiu a vaga em um lugar que é gerido apenas por mulheres. Rayna conta que, em conversas posteriores, as chefes contaram que acharam estranho o fato de uma mulher buscar o trabalho de entregas, mas apostaram na possibilidade.

Hoje em dia, como a gente tem mais intimidade, uma delas, que é a que mais fala comigo, que mais brinca e tal, ela falou assim

‘caramba, Rayna, quando você falou com a gente, que a Bianca falou comigo, aí ela falou que era uma menina, eu pensei: uma menina, quer entregar? Será que vai ser bom, será que vai ser legal?’. E aí eu até brinco, ‘ah, Inês, não acredito que você falou isso de mim?’ Ela falou: ‘não, achei estranho, e tal’. Ela falou estranho, nem falou diferente. Ela falou ‘eu achei estranho, nunca tinha visto’. E acabou que, graças a Deus, deu tudo certo. Então talvez, eu não sei, também nunca perguntei para a Bianca isso, mas sim, talvez, né, talvez tenha feito alguma diferença. Porque, realmente, nos outros lugares ninguém nem cogitou, assim, outras situações. Ah, então talvez sim, possa ter feito alguma diferença sim.

A dificuldade de Rayna em conseguir um emprego como entregadora aponta para uma divisão sexual do trabalho que, de acordo com Kergoat, “é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo; essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade” (Kergoat, 2009, p. 67). Esta divisão destina prioritariamente os homens para a esfera produtiva e as mulheres para a esfera reprodutiva. Além disso, também hierarquiza homens e mulheres, oferecendo aos homens a ocupação das funções de mais valor social agregado, como as posições políticas, religiosas e militares (Kergoat, 2009).

Moraes *et al* (2015) afirmam que o perfil dos *motoboys* corresponde a uma parcela de jovens que apresentam escolaridade acima da de brasileiros mais velhos com condições econômicas semelhantes, que não ingressaram na universidade. Este perfil é semelhante ao de trabalhadores de *call centers*, no entanto, a predominância nos *call centers* é de mulheres, enquanto no trabalho de *motoboy* é de homens. Esta divisão pode apontar para certa percepção social sobre o que seriam atributos masculinos (coragem, virilidade) e femininos (capacidade de relacionamento verbal, empatia) que reforçam a ideia da divisão sexual do trabalho.

Moraes *et al* (2015) também aponta:

Pode-se supor, também, que esses atributos masculinos sejam utilizados como justificativa para a relativa tolerância social aos acidentes entre *motoboys*, na medida em que se reconhece que é um trabalho perigoso em si, o qual se poderia alterar muito pouco, requerendo atributos masculinos (como a coragem e virilidade) para o exercício dessa profissão. (MORAES *et al*, 2015, p. 75)

Ao explicar o sistema gênero-sexo, Haraway (2004) apresenta uma linha de pensamento de várias autoras sobre vários aspectos das questões relacionadas a gênero, como orientação sexual, trabalho, violência, raça e

direitos reprodutivos. Haraway se guia principalmente pelo trabalho de Gayle Rubin, autora que faz parte da primeira antologia de antropologia feminista socialista/marxista que analisou a domesticação das mulheres no sistema de parentesco de troca de mulheres. Sua análise marxista definia o sistema gênero/sexo como um sistema de relações que transforma a sexualidade biológica em produto da atividade humana. Ela via a divisão sexual do trabalho como fundamento de um sistema de produção de seres humanos que atribuía aos homens direitos sobre as mulheres. A partir disso, há o entendimento de que a heterossexualidade obrigatória tem um papel central na opressão das mulheres.

Rayna não comentou diretamente sobre sua sexualidade, mas falou com naturalidade que mora com sua namorada, deixando claro que não é uma mulher heterossexual. Este fato aponta para uma orientação não heteronormativa e que, portanto, desafia as imposições sociais do que seriam atributos masculinos e femininos. Talvez, para Rayna, pelo fato de não ser uma mulher heterossexual tenha sido mais fácil ultrapassar o fato de ser um trabalho feito majoritariamente por homens. Ela demonstra certo orgulho em ser uma mulher exercendo a atividade:

Rayna: Cara, eu estou achando legal, porque, assim, eu me surpreendi. A gente acaba se inibindo de alguns serviços porque você só vê homens. Você só vê homem, só vê homem. Aí você fala 'cara, não vou dar conta'. Tipo, deve ter um porquê disso. Deve ter alguma coisa por trás disso. E não, pelo contrário. [...] Eu nem sei, acho que não é nem questão de orgulho, não sei se é orgulho, mas eu me sinto bem feliz trabalhando mesmo. Até por essa coisa de, meio que, sei lá, pode não ser uma diferença, mas está fazendo alguma diferença, ser algum tipo de diferença.

Pollyana: Você está falando por ser mulher?

Rayna: Sim, claro. Sim, ter algum tipo de diferença. Eu não sou nenhuma influenciadora, mas espero que alguém, algum dia... Porque realmente foi o acaso, sabe. É o que eu falei, eu realmente nunca tinha pensado nisso como uma possibilidade até por nunca ter precisado. E eu estava aqui para estudar, estava aqui na Rural, mas a vida toma rumos diferentes, né, a gente acaba criando literalmente uma vida em Seropédica.

Além das questões de gênero, mais um aspecto interessante de notar sobre Rayna é sua relação com a questão racial. Questionada sobre sua condição racial ela responde da seguinte forma:

Pollyana: Qual a sua cor?

Rayna: Cor?

Pollyana: é.

Rayna: Cara, se eu for pensar em cor só consigo pensar no que eu prefiro mesmo, escuro, os preto, talvez azul.

A fala de Rayna parece indício de uma construção de identificação racial em aberto, como se ela não compreendesse ainda qual o seu lugar neste debate, o que parece sintomático do atual momento brasileiro, no qual mais brasileiros têm se identificado como negros. Ainda segundo o IBGE, entre 2012 e 2018, o número de autodeclarados pretos e pardos cresceu em quase 12 milhões de pessoas no Brasil. Na mesma medida em que demonstra que mais pessoas têm se identificado enquanto negras, estes dados também evidenciam que muitas pessoas não se identificavam desta forma. Ou seja, há um movimento de afirmação racial que se contrapõe ao que acontecia há alguns anos, quando parte da população negra não se identificava como tal.

Lélia González, interessada em compreender a identificação dos dominados com o dominador, recorre à psicanálise e afirma que o racismo é um sintoma que caracteriza a neurose cultural brasileira. Racismo e sexismo articulados causam efeitos violentos sobre as mulheres negras, em especial (González, 1984). Em *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, a autora articula, com pioneirismo, fenômenos até então analisados de forma separada: o racismo e o sexismo, marcadores sociais determinantes na vida de muitos trabalhadores brasileiros. Para compreender o papel das mulheres negras na sociedade brasileira, González apresenta três arquétipos que, no processo de formação cultural brasileiro, definem diferentes modos de rejeição e integração das mulheres negras na sociedade: a mulata, a empregada doméstica e a mãe preta. A figura da mulata é exaltada nos desfiles de carnaval, momento em que as mulheres negras perdem o anonimato e se transformam nas “cinderelas do asfalto”, quando são admiradas e desejadas. Já no cotidiano, as mulheres negras são lidas como empregadas domésticas. A autora aponta a diferença entre o endeusamento carnavalesco e o cotidiano de agressividade sobre as mesmas mulheres negras, ou seja, mulata e doméstica são atribuições dadas a

um mesmo sujeito, a nomeação depende da situação em que as mulheres negras são vistas (González, 1984).

CAPÍTULO 3 - DO RAP PARA A POLÍTICA: GALO

Paulo Roberto da Silva Lima, mais conhecido como Galo, é um trabalhador paulistano, morador da Zona Oeste de São Paulo, periferia da capital, que ganhou notoriedade por sua movimentação política, principalmente por liderar o movimento “Entregadores Antifascistas”. Desde que sua figura surgiu no debate público, em maio/junho de 2020, ele se tornou uma referência da categoria.

Em uma das diversas entrevistas que ele já concedeu, ele conta que começou a trabalhar cedo, fazendo bicos como servente de pedreiro, ajudante e vendedor de rua, e que seu primeiro emprego com carteira assinada foi como motoboy, em 2012. Porém, largou o trabalho depois de sofrer dois acidentes e começou a trabalhar como camelô. Cinco anos depois, enquanto trabalhava como técnico de telecomunicações, ele foi demitido no mesmo período em que sua filha nasceu. Ele voltou aos bicos, que não foram suficientes, e, em 2019, voltou a trabalhar de moto, mas encontrou um cenário bastante diferente. A lógica dos aplicativos já havia se instalado.

Aqui, nesta dissertação, a trajetória de Galo é apresentada como um contraponto às outras três histórias apresentadas antes. Além de ser um entregador conhecido nacionalmente e, portanto, uma referência relevante para se analisar essa categoria de trabalhadores, sua experiência em uma grande metrópole proporciona um parâmetro de comparação com aproximações e distanciamentos em relação às trajetórias de Iury, Luiz Gustavo e Rayna.

Galo se destaca por denunciar a lógica da *uberização* e a precarização das relações trabalhistas a partir da implementação de aplicativos como *Uber*, *Rappi* e *iFood*. Seu posicionamento crítico não se resume ao trabalho de entregas, e abrange a condição de exploração da classe trabalhadora como um todo. Apesar do posicionamento radical e implacável, a formação política dele vem da arte, mais especificamente do *rap*, uma expressão artística que remonta essencialmente às periferias paulistanas. Este fato agrega camadas possíveis de explorar aspectos das construções subjetivas dos trabalhadores entregadores.

A partir disso, neste capítulo, busco apresentar a trajetória política de Galo, que tem como base a sua relação com o *rap* e passa pela fundação do

movimento Entregadores Antifascistas e pela prisão após um protesto importante. Na sequência, analiso o que diferencia o trabalho de um *motoboy* de um entregador de aplicativo, tendo como ponto de partida a lógica da *uberização*, tão denunciada por Galo. Por último, faço um paralelo entre as trajetórias dos trabalhadores presentes nesta pesquisa e os personagens do filme *Você não estava aqui*, do cineasta britânico Ken Loach.

3.1 - Do rap, passando pelo funk, pela prisão, até o financiamento coletivo

Galo é morador de Jardim Guarau, na periferia da Zona Oeste de São Paulo, onde mora com a esposa e a filha, no mesmo terreno que os pais, a avó, além de tias e primos. O líder do movimento Entregadores Antifascistas é conhecido principalmente pela denúncia que faz sobre as condições de trabalho deste grupo, mas ele um dia já sonhou em ser um *rapper* de destaque.

O vídeo *Paulo Galo: mil faces de um homem leal*¹⁹ produzido pelo Portal *The Intercept* apresenta a trajetória de Galo a partir da sua atuação política desde maio/junho de 2020 e, também, apresenta as origens do seu posicionamento crítico, que vem da sua relação com o movimento *hip hop*. Ele conta no vídeo²⁰ que dois eventos marcaram sua trajetória pessoal quando ele ainda era criança: o primeiro aconteceu em um dia de folga da família, no qual eles foram à uma churrascaria “chique” e não foram atendidos. Seu pai, então, subiu na mesa para chamar atenção dos garçons e para denunciar que estavam sendo ignorados. A segunda situação foi uma abordagem policial agressiva, sem motivo aparente, em que seu pai foi agredido. “E, para mim, soava desse jeito. O mundo tem um problema com nós, por motivo nenhum. Que motivo o mundo tem para parar meu pai e querer quebrar o braço do meu pai por causa de nada?”.

¹⁹ O título é uma referência à música *Mil faces de um homem leal*, do grupo Racionais MCs. A música sobre o guerrilheiro Carlos Marighella é de 2012 foi produzida para o documentário *Marighella*, de Isa Grinspum Ferraz.

²⁰ *The Intercept*. Dos entregadores antifascistas ao fogo no Borba Gato, Paulo Galo quer criar a faísca da revolução. Youtube, 25 de novembro de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/FN4SLdxYp3Y>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2022.

Ele narra que passou, então, a internalizar a ideia de que precisava ser respeitado e nas referências que tinha de onde morava as pessoas que eram respeitadas eram aquelas envolvidas com o crime. Porém, diante da presença da polícia, os bandidos perdiam esse respeito. Ouvindo *rap*, em músicas em que os cantores se colocavam contra os policiais e não se escondiam, ele se identificou e buscou aquilo para si, se aproximando do movimento. Em entrevista ao portal do Laboratório de Pesquisa DigiLabour, ele explica:

Quando eu tinha dez anos de idade, queria ser respeitado, como todo ser humano quer ser respeitado. E as pessoas que tinham o respeito na minha comunidade eram os caras envolvidos com o crime. A minha admiração por eles não era uma coisa voltada ao bem financeiro. Eu nem sabia, nem tinha noção, era uma criança. Não tinha noção do mal que um bandido fazia para uma pessoa colocando uma arma na cara de uma pessoa. Eu via o respeito que a comunidade tinha por eles. E eu queria aquele respeito também. E aí você começa a ficar perto e analisar. Eu percebia que a única fraqueza do bandido era a polícia. Ela chegava, batia no bandido e ele não fazia nada. Ou então o carro da polícia aparecia e os caras corriam. E aí uma vez eu ouvi uma música tocar no rádio, um rap, e os caras xingavam a polícia. Falavam até o endereço e o nome deles. Aí eu falei: “ah, esses aí devem ser os bandidos mais foda da História”. Se eles estão xingando a polícia, falando o nome e o endereço deles e está na rádio é porque os caras devem ser foda. Se um dia eu for bandido, tenho que ser bandido igual esses caras da rádio.²¹

O *hip hop* chegou ao Brasil no início da década de 1980 trazido por camadas sociais mais ricas que viajavam para o exterior. Rapidamente o movimento, que abrange dança (*break*), música e o grafite, se estabeleceu nas classes populares da capital paulista, principalmente através da música, que inclui o *rap* e os DJs. Nos anos 1990 o grupo Racionais MC's elevou o movimento a outro patamar. Mesmo sem contrato com grandes gravadoras e uma postura antimídia, a adesão ao grupo ultrapassou a periferia de São Paulo, fazendo sucesso, inclusive, entre outros grupos sociais.

Em sua essência, o movimento hip hop não surgiu da mídia. Foi num primeiro momento uma manifestação espontânea de grupos excluídos da sociedade na periferia das grandes cidades e, num segundo, as suas reivindicações políticas, culturais, presentes em suas músicas começam a se inserir nos grandes

²¹ LIMA, Paulo. É luta de classes mesmo, sem conversinha: entrevista com Galo, dos Entregadores Antifascistas. [Entrevista concedida ao Portal DigiLabour]. Disponível em: <https://digilabour.com.br/2020/07/02/e-luta-de-classes-mesmo-sem-conversinha-entrevista-com-galo-dos-entregadores-antifascistas/>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2022

espaços da mídia, do mundo do disco, do cinema, do teatro, de séries televisivas através de um intenso diálogo entre culturas. Na realidade, as diversas formas do rap (música negra) intimamente associadas a movimentos que procuram identidades culturais próprias calcadas na busca da valorização do negro na sociedade de classes historicamente não estão desvinculadas do mercado e da indústria cultural (CONTIER, 2005).

Como expressão da periferia, os *rappers*, os MCs, os DJs, as pessoas que produziam este tipo de música, eram moradores das próprias periferias. O acesso a estas pessoas, portanto, era bastante possível para um jovem como Galo. E assim, ele não só conheceu alguns *rappers* importantes como passou a se relacionar com estas pessoas e com este universo:

E aí eu fui atrás de ter contato com os caras do rap, ver quem é que fazia rap, tentar descobrir, ficava perguntando. Perguntava na escola. Aí os caras foram indicando. Aí eu cheguei em um mano que cantava rap. Cheguei nele e falei: “como eu faço para escrever um rap igual ao seu?”. Aí ele me falou: “Para escrever igual a mim, você tem que ler. Para escrever, tive que ler. Você quer um livro?”. “Ué, eu quero”. Aí ele me deu *Negras Raízes*, do Alex Haley. Depois que eu terminei de ler o livro, fui escrever e o rap melhorou. Eu pensei: “é isso mesmo, esse é o segredo. Tem que ler para escrever”. Só que é muito louco isso. Eu estava lendo aqueles livros ali achando que eu ia virar bandido. Achando que o cara do rap era um bandido. E aí eu fui pedindo outros livros. *Malcom X, 1984, Admirável Mundo Novo, A Revolução dos Bichos, As Veias Abertas da América Latina, Ensaio sobre a Cegueira*. Os caras foram me dando livro. Eu fiquei dos meus dez aos quinze anos ali, andando com os caras. E eles achavam bacana, tipo “a criança que fica pedindo livro para nós. É uma coisa meio incomum”. Essa é a minha formação. Eu não sabia, mas eu estava me formando politicamente ali naquele momento.²²

Galo também conta que a visão dos músicos como bandidos não se perdeu facilmente porque, inclusive, este era o tipo de música escutado pelas pessoas envolvidas no crime.

Quando eu descobri que os caras do rap não eram bandidos foi a vez que me levaram na Cooperifa. Quando fui lá e os caras recitaram a música deles, eu vi que o pessoal bateu palma, vi o perfil do pessoal e tive um choque. Eu falei assim: “esses caras não são bandidos não. Esses caras são inteligentes e as pessoas respeitam eles porque são inteligentes. Eu não preciso ser bandido para as pessoas me respeitarem. Eu posso ser

²² LIMA, Paulo. É luta de classes mesmo, sem conversinha: entrevista com Galo, dos Entregadores Antifascistas. [Entrevista concedida ao Portal DigiLabour]. Disponível em: <https://digilabour.com.br/2020/07/02/e-luta-de-classes-mesmo-sem-conversinha-entrevista-com-galo-dos-entregadores-antifascistas/>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2022

inteligente”. E aí surgiu minha vontade de ser um cara inteligente. O hip hop foi minha escola política. O Galo começa a sair para a rua cantar nessa época do hip hop.²³

A relação com o *hip hop* foi o gatilho para sua formação política, o que o levou às leituras e, em determinado momento, também o levou ao islamismo por um tempo.

Teve um bagulho que me marcou, que eu acho que esse é o momento que eu me moldo, assim. Porque eu estou ali lendo Malcolm X, eu estou ali lendo *Negras Raízes*, eu estou ali lendo *Ao vivo no corredor da morte*, do Mumia Abu-Jamal. Eu estou lendo a história do Huey Newton, do Fred Hampton. De repente, virei muçulmano. Com 16 anos de idade eu virei muçulmano. O Dugueto²⁴ começou a ir para as mesquitas por causa do Malcom. Aí falou: 'ó, virei muçulmano'. Aí eu falei: 'também quero conhecer'. Aí quando foi ver já tinha uma banca de muçulmano andando juntos. Os caras pretos, favelados, muçulmanos, andando juntos. Todo mundo querendo ser o Malcom.²⁵

Com as dificuldades encontradas para seguir uma carreira artística, ele conta que, em 2012, passou a considerar que a política estava atrapalhando seu sucesso como *rapper*. Ele passou a perseguir com mais vigor a carreira artística, mas sem sucesso. Somado a isso, de acordo com ele, o próprio movimento *hip hop* passava por uma transição, na qual foi perdendo espaço na periferia para o *funk*. Ele se lançou no *funk*, mas diz que:

Aí vira um bagulho decadente. Porque não é o que eu quero escrever, não é o que eu quero cantar, não é do jeito que eu quero fazer. Você tá ligado? E aí vem um bagulho degradante. Eu vou me degradando. [...] E aí eu vou nessa loucura. Depressão, treta, problema. Eu sozinho. Eu não era sozinho. Eu tinha uns mano mil grau comigo e agora estava meio sozinho. E aí eu conheço minha esposa. E aí, logo na sequência, a gente já tem uma filha. E aí, mano, minha vida já vira. Ali eu ativo o modo pai mesmo. Peraí, eu não posso ter depressão, chega de funk, chega de rap, chega de tudo agora. E aí eu começo a tentar buscar caminhos ali, para encontrar, para criar minha filha, para minha esposa e tal. E tudo é cabeçada, tudo é difícil.

²³ *The Intercept*. Dos entregadores antifascistas ao fogo no Borba Gato, Paulo Galo quer criar a faísca da revolução. Youtube, 25 de novembro de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/FN4SLdxYp3Y>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2022.

²⁴ Dugueto é primeiro rapper profissional que Galo teve contato e foi uma das principais referências artísticas no neste universo do hip hop. Foi Dugueto quem orientou Galo a ler e quem ofereceu os primeiros livros emprestados.

²⁵ *The Intercept*. Dos entregadores antifascistas ao fogo no Borba Gato, Paulo Galo quer criar a faísca da revolução. Youtube, 25 de novembro de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/FN4SLdxYp3Y>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2022.

Enquanto buscava a carreira artística, Galo trabalhou em diversas atividades, foi servente de pedreiro, ajudante e vendedor de rua, trabalhou com os pais que são floristas, como *motoboy*, camelô. Demitido do trabalho como técnico de telecomunicações no mesmo período em que sua filha nascera, ele não conseguiu uma recolocação profissional formal e voltou ao trabalho de *motoboy*, porém em um cenário muito diferente, já com a lógica da *uberização* imposta. Como alguém que havia experimentado o trabalho como *motoboy*, ele percebia uma piora nas condições de trabalho.

Ele passa a ganhar notoriedade como um entregador que denuncia a *uberização* quando, no dia 21 de março de 2020, dia do seu aniversário de 31 anos, ele estava trabalhando pelas plataformas de entregas de comidas e o pneu de sua moto furou. Ele não conseguiu finalizar a entrega e, então, ligou para o suporte do aplicativo que o orientou a cancelar o pedido.

A Uber disse que não tinha entregador perto e que eu podia cancelar o pedido. Eu disse que, se fizesse isso, me bloqueariam, porque isso já tinha acontecido outras vezes. Garantiram que não. No outro dia arrumei o pneu e, na hora que liguei o aplicativo para ir trabalhar, eu estava bloqueado.²⁶

Obstinado a denunciar o caso, ele pediu, em suas redes sociais, o contato de jornalistas. O portal *The Intercept*, então, pediu que ele gravasse um vídeo falando sobre entregar comida por aplicativos em tempos de pandemia. O vídeo²⁷ foi publicado em 23 de março de 2020 e viralizou, sendo visto e compartilhado milhares de vezes. Na gravação, Galo fala sobre o trabalho de entregas não ser uma renda extra, mas sim o seu único sustento; sobre ter contraído dívidas para comprar uma moto para trabalhar; ele denuncia que as empresas como *Uber*, *Rappi* e *iFood* apresentam ajuda pública para os restaurantes por conta da pandemia e não oferecem álcool em gel, alimentação ou qualquer tipo de auxílio aos entregadores; cita a música *Diário de um Detento*, do grupo Racionais MCs; e compara a atuação dos entregadores aos músicos do filme *Titanic* “vendo o barco afundar e tem que continuar tocando a

²⁶ 'Entregador Antifascista' critica precarização do trabalho e omissão de veículos da imprensa. *Folha de São Paulo*, 23 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://folha.com/ksb9haz>. Acesso em 10 de janeiro de 2022.

²⁷ *The Intercept*. Coronavírus: como é entregar comida por aplicativos em tempos de pandemia. Youtube, 23 de março de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/rMF3ruk6ivE>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2022.

música”, ele diz. De toda sua fala, no vídeo de um minuto e 52 segundos, uma declaração se destacou: “Você sabe o quanto é tortura um *motoboy* com fome tendo que carregar comida nas costas?”.

O próprio Galo, em entrevistas posteriores, fez uma autocrítica à fala que, segundo ele, “atrai gente estranha, que acha que a ajuda que a gente precisa é um assistencialismo barato”²⁸. No vídeo, a fala vem seguida de mais denúncias: “Você sabe o quanto é tortura um *motoboy* com fome tendo que carregar comida nas costas? E o logo deles nas costas? Porque o que tem feito esses aplicativos crescerem é o tanto de *motoboy* divulgando esses aplicativos por SP. E a gente não recebe por isso”.

Quando o vídeo viralizou, Galo percebeu que a causa tinha aderência. Ele, então, aprofundou o movimento de organização e politização da categoria. Em entrevista ao *Portal Uol* ele declarou:

Entrei em grupos de *WhatsApp* de entregadores e comecei a dar o papo, falava que a gente tinha que ter condições melhores de trabalho, que tinham que nos garantir alimentação. Fui primeiro no grupo dos *motoboys*, tentava falar com alguns na rua também. Fui falar com um, e ele me mandou ir para Cuba. Beleza. Fui falar com um segundo, e ele me mandou ir para Cuba também. Aí, irmão, George Orwell tinha que estar lá comigo para poder escrever um livro sobre aquele momento, porque olha... Aí eu entendi tudo²⁹.

De acordo com Galo, os *motoboys* encaravam como ofensa o discurso de lutar por comida, que isso estaria os colocando como “passa fome”. Ele interpreta que aquelas pessoas acreditavam que eram empreendedoras, autônomas, e não trabalhadores. A partir disso, ele resolveu abordar os ciclistas entregadores, uma categoria em situação ainda mais difícil que os motociclistas. Foi ouvido e conseguiu convencê-los a participarem de um ato na Avenida Paulista, no dia 5 de junho. Lá, o grupo, que ainda era pequeno, mas expressivo, decidiu participar da manifestação dois dias depois, organizada por outras frentes de classe. O evento aconteceu no Largo da Batata, também em São

²⁸ ‘Entregador Antifascista’ critica precarização do trabalho e omissão de veículos da imprensa. *Folha de São Paulo*, 23 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://folha.com/ksb9haz>. Acesso em 10 de janeiro de 2022.

²⁹ Rodrigues, Paula. Galo de Luta. *Ecoa - Portal Uol*. Disponível em <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/lider-dos-entregadores-antifascistas-paulo-galo-lima-quer-comida-e-melhores-condicoes-de-trabalho-para-o-grupo/>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2022.

Paulo, e tinha como bandeira: “Contra Bolsonaro, contra o racismo³⁰ e a favor da democracia”. Galo afirma, em diversas entrevistas, que foi nesta manifestação que nasceu o movimento Entregadores Antifascistas.

O movimento Entregadores Antifascistas foi o principal responsável pelo Breque dos *Apps*, uma movimentação grevista de entregadores que atuam para empresas como *iFood*, *Rappi*, *Uber Eats* e *Loggi* que paralisaram as atividades por mais direitos e melhores condições de trabalho. As manifestações aconteceram nos dias 1 e 25 de julho de 2020 em diversas cidades do país, como São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Porto Alegre, São Luiz, Curitiba e Belo Horizonte e tiveram grande repercussão. Além dos próprios atos, também circularam manuais de como auxiliar a greve e as *hashtags*³¹ #BrequeDosAPPS e #ApoioBrequeDosApps atingiram notoriedade nos dias de protesto.

Algumas partes da fala de Galo na manifestação do dia 7 de junho foram gravadas e impressionam pela capacidade de comunicar, de maneira simples e direta, uma análise crítica que revela sua visão enquanto trabalhador incluído em uma classe. “Ninguém aqui é empreendedor de porra nenhuma! Nós é força de trabalho nessa porra”, ele diz. O discurso contraria a ideia vendida pelas empresas e expõe que, neste modelo, as relações de trabalho assumem a aparência de “prestação de serviço”, e os trabalhadores seriam “empreendedores” e evidencia que, na verdade, as relações de exploração do trabalho e assalariamento são ofuscadas, mas permanecem.

Depois de alguns meses afastado dos holofotes midiáticos, em junho de 2021 Galo voltou ao centro do debate público. Na capital paulista, a estátua do bandeirante Borba Gato foi incendiada. A imagem emblemática circulou amplamente, acendendo o debate público sobre o próprio Borba Gato, um dos líderes do genocídio contra os indígenas e negros no Brasil, sobre os bandeirantes de modo geral e, conseqüentemente, sobre a ressignificação de

³⁰ O ato fez parte do ciclo de protestos que aconteceram por todo o mundo reverberando a morte de George Floyd, homem negro assassinado pela polícia estadunidense no dia 25 de maio de 2020.

³¹ As *hashtag* são uma forma de categorizar conteúdos sobre um mesmo assunto na internet. São palavras-chaves antecedidas pelo símbolo # que, quando são utilizadas em uma postagem de rede social, o conteúdo da postagem passa a ficar disponível para qualquer pessoa que acesse a mesma *hashtag*. O *Twitter* é a rede social que mais valoriza a ferramenta. O site hierarquiza as *hashtags* mais populares em *Trending Topic* nacionais e internacionais. Aparecer em uma *hashtag* significa alçar visibilidade para o assunto e, por isso, elas são utilizadas, entre outros usos, como forma de manifestação política.

monumentos em homenagem à “heróis” da colonização, da escravidão e do racismo. O grupo Revolução Periférica, do qual Paulo Galo é um dos líderes, assumiu a autoria do ato e, sabendo que havia um mandado de prisão temporária, alguns dias depois, Galo e Danilo “Biu” de Oliveira se apresentaram espontaneamente à polícia para confirmar a participação no protesto. Galo foi, então, detido juntamente com sua esposa, Géssica, que sequer participou do ato. O telefone utilizado por Galo estava no nome de Géssica.

Quando se apresentou à polícia, Galo declarou que o motivo da ação foi iniciar o debate sobre o assunto. Na ocasião, ele disse: “Agora, as pessoas decidem se elas querem uma estátua de 13 metros de altura de um genocida e abusador de mulheres”³². Na sequência, apesar de colaborar com o processo, de um mandado de busca e apreensão não encontrar nada na casa de Galo, da ação não ter deixado vítimas, entre outros fatos, ele ficou preso por 14 dias. Um pedido de *habeas corpus* foi negado, depois autorizado pelo STJ e negado novamente. No dia 10 de agosto, o Tribunal de Justiça de São Paulo, enfim, revogou as prisões preventivas de Galo, Danilo Silva de Oliveira e Thiago Vieira Zem, que também foram detidos acusados de participar do ato. Géssica foi liberada dois dias após ter sido detida.

Galo comentou sobre sua passagem pela prisão em diversas entrevistas. Ele narra as conversas com os detentos sobre o movimento Panteras Negras, sobre a figura do Borba Gato, sobre “as ideias de cadeia”, sobre “revolução”, etc. No vídeo produzido pelo portal *The Intercept*, ele diz que “faltou tempo”.

Então, ou seja, ao mesmo tempo, quando a liberdade cantou, a primeira coisa que eu pensei foi, óbvio, vou ver minha esposa e minha filha, vou ver minha família. E a segunda, quando o portão bateu, que eu fui embora, pensei “faltou tempo, mano”. Faltou tempo, mano. As pessoas enxergam as pessoas lá dentro como bicho, mano. Tem 40 manos na cela, os caras mandam 35 pães. Para quê? Para os presos brigarem. Tem 40 manos, tem 35 pães, eles vão brigar. O que é que os presos fazem? Os presos dividem o pão ao meio. Tem 40 presos, os caras mandam 20 sabonetes. Os caras dividem o sabonete ao meio. Então, os caras acham que vão criar um bagulho para os nos fazer brigar e eles mesmo criam um exercício dos caras até

³² Xavier, Getúlio. Líder dos entregadores Paulo ‘Galo’ é preso por incêndio de estátua de Borba Gato. *Carta Capital*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/lder-dos-entregadores-paulo-galo-e-preso-por-incendio-de-estatua-de-borba-gato/>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2022.

virarem comunistas. Os caras estavam praticando comunismo dentro da cadeia. O cara não vai catar o pão dele, acumular o pão dele e falar assim: "eu tenho um pão, e você não tem, eu sou mais foda que você". Agora, lá fora você pode ter certeza que agora está passando um cara de Ferrari no mesmo momento em que tem alguém catando comida no lixo. Ou seja, é um comendo mil pães, e o outro sem pão pra comer. Quem são os bichos? Quem está lá fora, ou quem está aqui dentro? Não teve um dia que essa ideia não foi trocada dessa forma que eu estou falando aqui pra você. Então faltou tempo.³³

No primeiro vídeo de Galo ao portal *Intercept*, ele conclui seu relato dizendo: "É outra coisa, *motoboy* é ser humano, mano. Tem sonho, igual todos os outros profissionais, policial, médico. A gente tem sonho, a gente chora, tem família. A gente não é só entregador de comida". Já no vídeo mais recente do portal, a trajetória de Galo no *hip hop* é mais esmiuçada, o que deixa evidente que, para ele, além de ter sido ferramenta de politização, se tornar *rapper* também era um sonho.

O que o tornou conhecido, no entanto, foram seus posicionamentos políticos e seu papel como ativista na organização de um movimento social. Ele já disse que foi sondado por partidos políticos para se candidatar a cargos legislativos, mas que a sua forma de fazer política não passa pela institucionalidade. Com a visibilidade que acabou recebendo ao liderar um movimento de contestação e denúncia sobre os abusos de empresas, ele passou pelo que ele mesmo chama de "bloqueio branco", quando as plataformas não bloqueiam os trabalhadores oficialmente para não ter problemas jurídicos, mas o entregador para de receber pedidos.

Diante desta situação, Galo afirma: "Antes de travar uma luta pelos entregadores, a gente sai de casa pra travar uma luta pela nossa família. Que é trazer o alimento para casa"³⁴. Sem fonte de renda, aproveitando sua visibilidade principalmente por meio das redes sociais, ele recorreu ao financiamento coletivo e mantém uma campanha contínua de financiamento coletivo na plataforma Apoia-se. O recurso permite que ele continue seu trabalho político

³³ *The Intercept*. Dos entregadores antifascistas ao fogo no Borba Gato, Paulo Galo quer criar a faísca da revolução. Youtube, 25 de novembro de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/FN4SLdxYp3Y>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2022.

³⁴ *The Intercept*. Conheça Paulo Lima, o entregador de aplicativo antifascista que organiza a categoria. Youtube, 10 de junho de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/iTVhpgxH8dY>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2022.

de forma autônoma e sem precisar se comprometer com organizações e partidos políticos, como é o desejo dele. A configuração da campanha não apresenta metas de valores a serem alcançados ou quanto ele tem recebido mensalmente para avaliar se ela tem sido eficiente neste papel.

Em dezembro de 2021, Galo participou de uma *live* do mais conhecido e mais importante grupo de *rap* do país, os Racionais MCs. Galo entrou na *live* de moto e cantou uma das músicas com Mano Brown. Depois do evento, em sua conta na rede social *Twitter*, ele declarou ter realizado um sonho. O sonho de ser *rapper* ainda não se concretizou completamente, mas seus posicionamentos políticos possibilitaram diminuir a distância entre o sonho e a realidade.

3.2 - *Motoboy* x entregador de aplicativo: a *uberização*

Com o aumento nos serviços de *delivery*, os entregadores de aplicativo se tornaram uma categoria crescente em quantidade de trabalhadores e, também, em relevância para observar as mudanças na organização do trabalho, principalmente nos grandes centros urbanos. Inúmeros estabelecimentos de comida e bebida que antes atuavam apenas presencialmente, passaram a trabalhar também por entregas para manter as vendas e garantir a permanência. O *Ifood*, empresa brasileira de *delivery* de comidas e bebidas, cresceu exponencialmente durante a pandemia: a plataforma está presente em mais de 1200 cidades do país, de acordo com dados da própria empresa³⁵. Apenas no primeiro semestre de 2021, o *Zé Delivery*, aplicativo de entrega de bebidas da Ambev, maior cervejaria do mundo e uma das maiores empresas brasileiras, realizou 29 milhões de entregas, superando as 27 milhões feitas em todo ano 2020; sendo que o aplicativo vendeu mais em março e abril de 2020 do que em todo o ano de 2019³⁶. Ou seja, para estas empresas, a pandemia tem sido responsável por um aumento gigantesco nos lucros.

³⁵ Informação retirada do site da empresa: https://institucional.ifood.com.br/?utm_source=site_ifood Acesso em: 29/11/2021.

³⁶ Cibelle Bouças, Volume de venda da Ambev cai 27% em abril. *Valor Econômico*, 8 de maio de 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/05/08/volume-de-venda-da-ambev-cai-27-em-abril.ghtml> Acesso 29/11/2021.

Mesmo antes da imposição da *uberização*, o caminho para que esse modelo se tornasse viável já vinha sendo traçado. Richard Sennett, em *A corrosão do caráter*, analisa a nova forma do capitalismo ‘flexível’ moderno e as consequências deste modelo sobre as relações pessoais, a construção do caráter e dos valores das pessoas envolvidas neste sistema. De acordo com o autor, o capitalismo ataca o caráter pessoal. Ele explica que as qualidades necessárias ao bom trabalho não são mais as mesmas do bom caráter. Neste novo modelo, os trabalhadores não exercem um papel fixo e há uma reconfiguração na maneira de organizar o tempo, principalmente o tempo do trabalho, que agora está incluído nesse modelo de flexibilidade.

O autor analisa que, em uma forma de capitalismo anterior, cabia ao trabalhador acumular tempo, já que, ele diz, o “tempo é o único recurso que os que estão no fundo da sociedade têm de graça”. Já nas relações de trabalho atuais, o tempo precisa ser flexível, adaptável e não existem perspectivas a longo prazo. De modo geral, ele sustenta que esta inexistência do “longo prazo” e as características necessárias nas relações de trabalho modernas são contrárias à construção de valores pessoais. Espírito de reunião, lealdade, compromisso mútuo, confiança e obrigação formal se tornam qualidades ultrapassadas nas relações de trabalho modernas, ao mesmo tempo que são as bases de valores pessoais. Em suma, para Sennett, o novo capitalismo ataca o caráter pessoal.

A mudança de cenário encontrada por Galo quando voltou a trabalhar com entregas em 2019 aconteceu por conta da inserção de plataformas digitais, aplicativos de telefone, que medeiam a relação entre estabelecimentos, clientes e entregadores. Neste modelo, o estabelecimento se cadastra na plataforma oferecendo os serviços alimentícios; os entregadores se cadastram oferecendo o serviço de entregas; e os clientes se cadastram nas plataformas para fazer os pedidos. Quando um cliente faz uma solicitação, a plataforma aciona os entregadores mais próximos, que decidem se aceitam o pedido e, então, buscam o produto no estabelecimento e levam aos compradores.

Este modelo está presente não apenas no serviço de entregas, atingindo inúmeras outras áreas, de serviços médicos à limpeza de casas, sendo a mais conhecida os motoristas que atuam para a empresa *Uber*. Esta

lógica de funcionamento tem se configurando como uma grande transformação nas relações de trabalho e tem sido chamada de *uberização* do trabalho.

No caso das entregas, a função do *motoboy*, o trabalhador de uma empresa ou estabelecimento comercial responsável pelas entregas, passou a ser substituída pelo entregador de aplicativo. A principal diferença entre os dois é que o *motoboy* está vinculado à empresa responsável pelos itens que ele entrega, enquanto o entregador de aplicativo está associado a uma plataforma digital. Ou seja, a função de entregar os itens é a mesma, a diferença é a inclusão de um novo mediador: as plataformas digitais. Estas plataformas, controladas por grandes empresas, vendem a ideia de que facilitam este processo, conectando os usuários (clientes) aos prestadores de serviço (trabalhadores).

Esse novo modelo de organização do trabalho vem carregado por um discurso que defende, por exemplo, a liberdade para escolher horários e tarefas, ser seu próprio chefe, trabalhar com flexibilidade, poder aumentar sua renda trabalhando nas horas “vagas”, etc. Tudo isso, na verdade, esconde a falta de estabilidade, a ausência de salário fixo, a inexistência completa da possibilidade de remuneração por hora extra e, obviamente, a perda de direitos e garantias trabalhistas.

Enquanto prestadores de serviços, além de não possuírem direitos trabalhistas, estes trabalhadores também estão sujeitos à lógica de pouca transparência por parte das empresas. Os clientes das plataformas avaliam os serviços dos estabelecimentos e dos entregadores, o que inclui estes trabalhadores em um sistema de pontuação, totalmente controlado pelas empresas e sujeito a questões pessoais não relacionadas com o trabalho exercido. O sistema de pontuação, no entanto, define quanto o entregador recebe por entrega, quantas opções de entrega ele recebe, etc. Como não possuem chefes, quando há algum problema, eles precisam lidar com os serviços eletrônicos das plataformas. Aceitar um pedido e não realizar a entrega, por exemplo, é um grande problema que pode acarretar o bloqueio do entregador na plataforma, inviabilizando o seu trabalho.

Neste novo modo de exploração do trabalho, as tecnologias de informação e comunicação assumem papel central (Antunes, 2020) e este parece ser um aspecto importante na diferenciação entre o *motoboy* e o

entregador de aplicativo, ou seja, o mesmo tipo de trabalho antes e depois do processo de *uberização*.

3.3 - Filme *Você não estava aqui*

Tomando a experiência de Galo, o trabalho de entregas apresenta aspectos das recentes mudanças no mundo do trabalho, especificamente no que se refere à chamada *uberização* do trabalho. Ele é um trabalhador informal, sem direitos trabalhistas, exposto a uma intensa carga de estresse. Além das condições objetivas da sua rotina, como a ausência de horários fixos, folgas, o atravessamento da tecnologia e a falta de um contato direto com chefes e supervisores, essa mudança estrutural na organização do trabalho (de *motoboy* para entregador de aplicativo) imprime marcas subjetivas. O filme “Você não estava aqui”, do diretor britânico Ken Loach trata justamente das mudanças no mundo do trabalho e dos impactos subjetivos dessas alterações na vida das famílias trabalhadoras. A narrativa ficcional dos Turner, uma família operária inglesa que, desde a crise de 2008, tenta se reerguer economicamente apresenta paralelos de semelhanças e diferenças com a experiência dos entregadores de Seropédica.

Assim como Galo, Rick, personagem do filme, é um exemplo de trabalhador super explorado que sofre com a *uberização* do trabalho, atuando sem direitos, em longas jornadas de trabalho e sob intenso estresse. Assim como o discurso denunciado por Galo, no filme o trabalho por demanda via aplicativo vem carregado do discurso neoliberal de empreendedorismo, encarnado, principalmente pelo personagem Maloney. Na entrevista em que contrata Rick, Maloney explica a modalidade de trabalho com frases como: “Você não trabalha para nós, você trabalha conosco”, “Você não bate ponto, você fica disponível”, “Não há salários, e sim honorários”. Com isso, Rick vê no trabalho de entregador de mercadorias via aplicativo a possibilidade de supostamente tornar-se dono do próprio negócio. A visão do personagem Rick pode ser questionada, já que, apesar de teoricamente possuir autonomia na sua atividade, ele trabalha sob a coordenação de um gerente, o personagem Maloney, que foi, inclusive, quem o contratou para o serviço.

Iury e Luiz Gustavo também apresentam uma noção interessante sobre a questão. Como eles se entendem mais como *motoboys* do que como entregadores de aplicativo, mesmo Luiz Gustavo apontando que “quanto mais você trabalha, mais dinheiro você ganha”, nem ele nem Yuri assumem a postura de “empreendedores”, ambos se percebem funcionários, o que aparece quando citam, por exemplo, os “patrões”.

Outro paralelo interessante é a relação com a jornada de trabalho. A esposa de Rick, Abbie, também está incluída na lógica da *uberização*. Ela trabalha como cuidadora de idosos por meio de aplicativo, com jornadas de até 12h de trabalho por dia, sem receber horas extras e precisando se locomover pela cidade sem vale-transporte. Interessante notar que, tão incluída nas lógicas de *uberização* quanto Rick, o trabalho de Abbie está no universo do cuidado, lugar social atribuído às mulheres. A escolha ficcional reafirma a divisão sexual do trabalho, que hierarquiza o trabalho e delega às mulheres o trabalho reprodutivo, já que este estaria atrelado a determinadas características supostamente femininas de cuidado.

Uma das “clientes” de Abbie promove um encontro de gerações de trabalhadores ingleses. Molie, ex-militante de esquerda sindicalista, mostra a Abbie fotos da importante greve dos mineiros de 1984, contra o governo de Margaret Thatcher. Quando Abbie fala sobre sua carga horária e sobre a ausência de vale-transporte, Molie questiona “o que aconteceu com as 8h de trabalho?”, escancarando a perda de direitos da classe operária britânica no decorrer dos anos.

Mesmo sendo um trabalhador informal, Luiz Gustavo, meu interlocutor da pesquisa, trabalha 8h por dia em um mesmo estabelecimento. Iury, por sua vez, atua em dois estabelecimentos por dia, em horário descontínuo, e por 10 horas diárias. Nenhum dos dois questiona o tempo de jornada de trabalho, mas a diferença na visão sobre a própria atividade parece ser um indicador do quanto a jornada de até 8 horas pode ser importante para manter a boa relação dos indivíduos com o trabalho. Enquanto Iury não vê nada de positivo na atividade de entregas, Luiz Gustavo considera que este seja um bom trabalho.

Outro aspecto passível de comparação é a relação com a família diante de empregos tão desgastantes física e emocionalmente. No filme, a lógica de trabalho do pai e da mãe tem impactos na vida de ambos, e, também, na vida

dos filhos, gerando enormes dificuldades para manter o que seria uma harmonia familiar. Com jornadas de trabalho longuíssimas, os pais praticamente não ficam em casa e o afeto, aspecto que seria desejável nas relações da família, fica cada vez mais esquecido.

Na ficção cinematográfica, os desgastes emocionais atingem toda a família. Seb, o filho mais velho do casal, enfrenta problemas na escola. O estresse e esgotamento físico do pai, Rick, fazem com que ele perca o controle ao lidar com os problemas do filho. Abbie, a mãe, acumula longas jornadas de trabalho e de transporte ao trabalho doméstico e de cuidado dos filhos. Ela demonstra suportar a situação com resiliência, mas também se descontrola, discute frequentemente com o marido. Liza, a filha mais nova do casal, tem apenas 11 anos e sofre com os conflitos familiares, mas, apesar disso, transmite uma imagem equilibrada na maior parte do filme. No entanto, em uma das cenas mais dramáticas, ela assume ter escondido as chaves da *van* do pai como uma forma de fazê-lo ficar em casa e, assim, suprir seu desejo pela presença do pai em casa. A atitude impulsiva de Liza foi o vetor de mais conflitos na família.

É preciso ressaltar que as entrevistas realizadas durante o trabalho de campo não permitiram conhecer de forma mais profunda a realidade das famílias dos entregadores seropedicenses. Tampouco as análises de reportagens, entrevistas e vídeos sobre Galo possibilitaram este tipo de incursão. Entretanto, assim como a diferença com relação à jornada de trabalho, a relação familiar também é um fator contrastante entre Iury e Luiz Gustavo, que pode ajudar a esclarecer as perspectivas de cada um em relação ao trabalho de entregas. Enquanto Iury se mostrava magoado com a atitude da sua família, que não reconhece seu trabalho e menospreza o seu esforço e cansaço, Luiz Gustavo, por sua vez, se sentia grato por receber da família apoio e assistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, meu olhar sobre os trabalhadores entregadores foi pautado por tentar encontrar neste grupo pequeno e singular traços das transformações no mundo do trabalho precarizado. Eu tinha como norte, principalmente, o advento da chamada *uberização* do trabalho, modelo no qual grandes empresas atuando como aplicativos de celular vendem a ideia de que conectam os usuários (clientes) aos prestadores de serviço (trabalhadores). Este modelo atinge diversas áreas, a mais conhecida são os motoristas que atuam na empresa Uber.

No caso dos entregadores, este modelo foi amplamente denunciado por deixar os trabalhadores vulnerabilizados e por representar uma piora nas condições de trabalho. A imagem de idosos trabalhando para essas empresas, de um entregador motociclistas trabalhando com um fixador externo na perna, e de inúmeras denúncias sobre entregadores sendo bloqueados pelas plataformas arbitrariamente chamaram minha atenção sobre a situação vulnerável dessa categoria. No entanto, minha experiência com estes trabalhadores acontece em um ambiente no qual a lógica da *uberização* ainda não atingiu este grupo específico. Em Seropédica, os restaurantes estão cadastrados nas grandes plataformas, porém, o trabalho dos entregadores ainda é atrelado aos estabelecimentos e não aos aplicativos.

Nos primeiros passos na pesquisa sobre os entregadores foi possível notar que, aqui, a lógica da *uberização* não se perpetuava da mesma forma que a apresentada midiaticamente. Passei a sustentar a hipótese de que dadas as condições desta localidade, a lógica da *uberização* se apresentava de modo diferente. Porém, eu continuava tomando como parâmetro os princípios acadêmicos desta transformação no mundo do trabalho, ignorando o que a realidade dos meus interlocutores apresentava.

Inicialmente, durante o trabalho de campo não notei o fato de que Iury e Luiz Gustavo tratavam a própria atividade, e, portanto, a si mesmos, como *motoboys*. Eu os tratei arbitrariamente como entregadores tanto durante as entrevistas como no processo inicial de escrita deste trabalho. Esta diferença não diz respeito à prática da atividade de entregas, já que se trata de fazer a mesma coisa, mas pressupõe relações de trabalho diferentes. Ou seja,

inicialmente tentei observá-los como entregadores (de aplicativo), mas eles não “se encaixavam” muito bem, diferente do que eles próprios apontavam, como sendo trabalhadores que desenvolviam a atividade de *motoboys*.

Foi apenas com um olhar externo, oferecido pelos professores Antônio Carriço e por Luiz Felipe Benites na banca de qualificação deste trabalho, que pude perceber que estava me distanciando dos meus interlocutores em busca de conceitos que, possivelmente, não se aplicam à realidade deles. Com a orientação cuidadosa da professora Marta Cioccarri, pude reorganizar a pesquisa que apresento aqui, desta vez, seguindo radicalmente a percepção dos interlocutores sobre si mesmos.

A divisão deste trabalho foi feita, portanto, a partir dos próprios interlocutores. No primeiro capítulo, apresentei e analisei as trajetórias de Iury e Luiz Gustavo, ambos jovens negros, com pouco mais de 20 anos, que vivem em Seropédica desde que nasceram, que começaram no trabalho de entregas durante a pandemia. Observei, primeiro, a relação dos dois em relação ao trabalho que exercem, o que os levou a esta profissão, qual a percepção que eles têm do próprio trabalho, quais os riscos que enfrentam, os medos que sentem, quais são os aspectos positivos, quais as diferenças entre os dois e como isso pode interferir na percepção que eles possuem sobre a própria atividade. Na sequência, analisei o tempo de não-trabalho deles, considerando como eles aproveitavam o tempo de folga. Busquei compreender como é a relação de cada um com a família, que se apresenta de forma distinta e aponta também uma percepção diferente em relação à valorização do próprio trabalho. Por último, examinei a relação de Iury e Luiz Gustavo com os estudos tendo como base a situação da educação no município de Seropédica; as perspectivas de emprego dos dois, que também está atrelada à condição econômica da cidade; e os sonhos profissionais deles, que passam por buscar empregos com maior estabilidade e segurança, mas também por realizar desejos como o de viajar com frequência.

No segundo capítulo, tomada pelo questionamento do porquê a atividade de entregas parece ser exercida quase que exclusivamente por homens, e, também, buscando diversificar as histórias de vida e de trabalho abordadas nesta pesquisa, apresentei a trajetória de Rayna. Iniciei esta parte tomando por base a declaração de Rayna de que o trabalho a fazia se sentir útil.

Busquei, então, a perspectiva apresentada por Bourdieu de que o trabalho, em sua “dupla verdade”, oferece ganhos subjetivos para além das questões materiais. Abordei, ainda, como as entregas não esgotam a relação de Rayna com o mundo do trabalho, já que ela é universitária e está prestes a se formar uma nova profissão que traz outros desafios. Na sequência, problematizei o impacto que a universidade e, principalmente, os universitários provocam na organização da cidade de Seropédica. Apresentei a construção da cidade a partir da Rodovia que corta o município, analisei a relação marcada pela distinção entre estudantes e moradores, e a relação passageira que os estudantes mantêm com o município. Por último, observei como as questões de gênero atravessam o trabalho de Rayna como entregadora. Diferente dos outros dois rapazes, ela teve dificuldades em conseguir o emprego. Ganha menos do que os outros dois, trabalha em um local gerido apenas por mulheres, e demonstra orgulho em ser uma mulher neste trabalho tão majoritariamente masculino.

Com a pesquisa organizada sob este novo olhar foi possível compreender que a diversidade de trajetórias era o potencial desta análise, e não mais como uma problemática “a ser resolvida”, já que impedia qualquer tipo de generalização. Foi ao notar isso que me pareceu fazer sentido incorporar também a trajetória de Galo, mesmo se tratando de um entregador vivendo em outra cidade, sob outras condições e, principalmente, acessando sua história a partir apenas de documentos e registros na imprensa. Apesar dos desafios metodológicos, acredito que a trajetória de Galo compõe, neste trabalho, uma chave de compreensão que “amarra as pontas” da abordagem das trajetórias anteriores, já que, mesmo com os distanciamentos, carrega aproximações importantes.

Neste sentido, no terceiro capítulo, busquei primeiro apresentar a trajetória política de Paulo Galo, que tem como base a sua relação com o *rap* e passa pela fundação do movimento Entregadores Antifascistas e pela prisão após um protesto importante. Na sequência, analisei o que diferencia o trabalho de um *motoboy* de um entregador de aplicativo, tendo como ponto de partida a lógica da *uberização*, tão denunciada por Galo. E por último, fiz um paralelo entre as trajetórias dos trabalhadores presentes nesta pesquisa e os personagens do filme *Você não estava aqui*, do cineasta britânico Ken Loach.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Ricardo. Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da Indústria 4.0. In: *Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.
- ALVES, José Cláudio Souza. *Dos barões ao extermínio: Uma história da violência na Baixada Fluminense*. Rio de Janeiro: Consequência, 2020
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da super-modernidade*. São Paulo: Papirus, 2003.
- BECKER, Howard S. A história de vida e o mosaico científico. In: BECKER, H. S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- CARRIÇO, Antônio. Além do descanso: os lugares da “folga” no trabalho em padarias (Rio de Janeiro, Brasil). *Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo*, v. 2, n. 3, 2018.
- DEBERT, Guita. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, Ruth (org.). *A aventura antropológica. Teoria e Ação*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil*. Rio de Janeiro. Folheto. 2019.
- JORDÃO, Ana Paula Ferreira. *Uma vida de andanças: trabalho, precarização e os ambulantes dos trens da Região Metropolitana do Rio de Janeiro*. 2014. Dissertação de Mestrado – Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- NEOCOLONIAL. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3809/neocolonial>. Acesso em: 18 de agosto de 2021. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7
- OLIVEIRA, Francisco; STÉDILE, João P; GENÓINO, José. *Classes sociais em mudança e luta pelo socialismo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. (Seminário Socialismo em discussão).
- PIRES, Lenin. *Esculhamba, mas não esculacha: uma etnografia dos usos urbanos dos trens da Central do Brasil*. Niterói: EdUFF, 2011.
- VIANNA, Márcio de Albuquerque. *A agricultura familiar em Seropédica-RJ: gestão social, participação e articulação dos atores do polo de conhecimento local em agropecuária*. 2017. Tese (doutorado), Curso de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Inovação em Agropecuária, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 2017.

CRUZ, Frederico Alan de Oliveira e BIGANSOLLI, Antonio Renato. Análise dos dados educacionais da cidade de Seropédica: realidade e previsão. *Revista Vivências*. Erechim, RS. Vol.7, N.13: p.29-37, Outubro/2011. Disponível em http://www2.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_013/artigos/artigos_vivencias_13/n13_03.pdf

MORAES, T. D., ROHR, R. V., & ATHAYDE, M. (2015). Ingresso, permanência e abandono na profissão de motoboys: constituição de si e da profissão. *Laboreal*, 11 (1), 69-83. <http://dx.doi.org/10.15667/laborealxi0115tdm>

NETO, A. S., MUTAF, J., & AVLASEVICIUS, S. (2006). Pelo espelho retrovisor: motoboys em trânsito. *Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP*. <http://www.n-a-u.org/motoboys1.html>

CONTIER, Arnaldo Daraya. O rap brasileiro e os Racionais MC's.. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DO ADOLESCENTE, 1., 2005, São Paulo. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000082005000100010&lng=en&nrm=abn. Acessado em 5 de fevereiro de 2022.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES DAS INSTITUIÇÕES FEDERAIS DE ENSINO SUPERIOR (ANDIFES). V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES - 2018. Brasília, DF: ANDIFES, 2019. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05/V-Pesquisa-Nacional-de-Perfil-Socioeconomico-e-Cultural-dos-as-Graduandos-as-das-IFES-2018.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2022.

NETO, Romeu e Silva e FILHO, Pompílio Guimarães Reis. Índice Municipal de Ciência, Tecnologia e Inovação do estado do Rio de Janeiro. *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense*. Rio de Janeiro, n. 17, 2019.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações Pascalianas*. Trad. Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. (Pós-escrito 2: A dupla verdade do trabalho).

HARAWAY, Donna. Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, 22, 2004. pp.201-246.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. et al (org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. Editora UNESP: São Paulo, 2009, p. 67–75

Reportagens:

Cibelle Bouças, Volume de venda da Ambev cai 27% em abril. *Valor Econômico*, 8 de maio de 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/05/08/volume-de-venda-da-ambev-cai-27-em-abril.ghtml> Acesso 29/11/2021.

'Entregador Antifascista' critica precarização do trabalho e omissão de veículos da imprensa. *Folha de São Paulo*, 23 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://folha.com/ksb9haz>. Acesso em 10 de janeiro de 2022.

LIMA, Paulo. É luta de classes mesmo, sem conversinha: entrevista com Galo, dos Entregadores Antifascistas. [Entrevista concedida ao Portal *DigiLabour*]. Disponível em: <https://digilabour.com.br/2020/07/02/e-luta-de-classes-mesmo-sem-conversinha-entrevista-com-galo-dos-entregadores-antifascistas/>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2022

Rodrigues, Paula. Galo de Luta. Ecoa - *Portal Uol*. Disponível em <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/lider-dos-entregadores-antifascistas-paulo-galo-lima-quer-comida-e-melhores-condicoes-de-trabalho-para-o-grupo/>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2022.

Xavier, Getúlio. Líder dos entregadores Paulo ‘Galo’ é preso por incêndio de estátua de Borba Gato. *Carta Capital*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/lider-dos-entregadores-paulo-galo-e-preso-por-incendio-de-estatuade-borba-gato/>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2022.

Vídeos do YouTube:

The Intercept. Dos entregadores antifascistas ao fogo no Borba Gato, Paulo Galo quer criar a faísca da revolução. Youtube, 25 de novembro de 2021. Disponível em: <https://youtu.be/FN4SLdxYp3Y>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2022.

The Intercept. Coronavírus: como é entregar comida por aplicativos em tempos de pandemia. Youtube, 23 de março de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/rMF3ruk6ivE>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2022.

The Intercept. Conheça Paulo Lima, o entregador de aplicativo antifascista que organiza a categoria. Youtube, 10 de junho de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/iTVhpgxH8dY>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2022.